

Spingia: Notas do livro  
das sombras ou Uma  
Viagem ao fundo da  
noite. Ubirajara Rocha.

AO FUNDO DA NOITE

UBIRAJARA ROCHA

Estudou Spinoza, a fundo, a mecânica ou dinâmica interior das afeições, isto é, das emoções e paixões, ensinando-nos ou ditando-nos regras impercíveis de como dominá-las, de como exercermos sobre elas e sua ~~aterradora~~ <sup>horível</sup> tirania um <sup>perfeito</sup> domínio filosófico. Esse completo domínio sobre a cegueira e a irracionalidade das paixões e instintos se obtém, segundo <sup>disse</sup> o filósofo, pelo uso constante e vigilante da razão, mediante o emprego raciocinado e frio da reflexão, através das luzes do conhecimento claro e distinto dos sentimentos que agitam a alma.

É a razão, por conseguinte, o remédio mais eficaz contra os males e devastações da emoção e da paixão. A meditação, a reflexão mata a afeição, que, muita vez, tanto mal nos causa, tanto distúrbio interior nos provoca, podendo levar-nos até à insânia, à loucura. A neurose, mesmo a psicose, como se não ignora, <sup>são</sup> seguidamente, repetidamente o resultado que naturalmente se colhe, o desfecho dramático que quase invariavelmente se obtém quando o ser é submetido ao império da paixão desordenada ou sem freio.

A paixão ou emoção obsessiva aniquila a alma, leva-a ao desmembramento, ao desdobramento, à desagregação; porém, qual escrava desalentada e submissa, ela agoniza, <sup>quando analisada</sup> morre, sob a luz fria e intensa da razão. Este é o ensino notável de Spinoza, contra o qual nada temos a redarguir ou a objetar. Com efeito, nada há a abtemperar a este e aos seguintes ensinamentos de Spinoza, no que se refere ao domínio ou ao que ele próprio designa como "conquista das emoções", em capítulo especial de sua "Ética". Diz ele, textualmente:

"Não se pode conceber que esteja em nossas mãos remédio mais excelente para as emoções, que aquêle que consiste no conhecimento verdadeiro, pôsto que não existe na alma outra força que a de pensar e formar idéias adequadas."



"A medida que a alma conhece tôdas as coisas necessárias" prossegue o filósofo, em expressões repassadas de acêrto e propriedade ---, "tem sôbre as emoções uma fôrça maior, ou melhor, sofre menos por causa delas."

É isto o mesmo que dizer --- como realmente o faz Spinoza, com tôda a fôrça e lucidez de seu pensamento filosófico --- que o conhecimento claro e distinto das coisas, quanto mais alto fôr, "maior será a fôrça da alma sôbre as emoções", fato que a experiência, por si mesma, atesta, sem maiores exames ou demonstrações.

Esta é a perene lição da experiência; não precisaríamos de mais nada para vermos comprovada ou confirmada a tese spinoziana; contudo, o filósofo não vacila em descer à micrometria, isto é, <sup>em</sup> a dar exemplos concretos, plásticos, ilustrativos do que <sup>pretendia</sup> ~~pretende~~ provar. Em tal sentido escreveu ele, penetrantemente, com tôda a agudeza de suas finas análises psicológicas, para consôlo de todos aqueles que perdem inesperadamente algo <sup>ou entes</sup> ~~que~~ julgavam muito <sup>caros</sup> ~~sãos~~ e que insanamente queriam conservar para sempre, numa posse permanente, definitiva, eterna; sem pensar que a morte inevitável os pudesse arrebatar um dia:

"Vemos, com efeito, que a tristeza causada pela perda de um bem, é suavizada tanto mais depressa quando se considera que aquêle que experimentou a perda não poderia conservar êsse mesmo bem por mais tempo."

Desta sorte, a amargura que geralmente invade o coração de quem perde ou se vê privado de seres ou objetos muito queridos, muito belos ou encantadores, é rapidamente amenizada pela percepção de uma realidade mais alta, isto é, a inevitabilidade do fim e da morte de tôdas os seres e coisas criadas, a finitude de tudo o que teve começo, e que morrer não é necessariamente acabar para sempre mas começar a viver a verdadeira vida. É preciso filosofar serenamente sôbre a perda, fenômeno ou acontecimento natural na vida humana, fato a que ninguém pode fugir ou escapar, por maiores que sejam os esforços que se facam

no sentido de iludir essa lei, que se cumpre com a mesma fatalidade de um determinismo físico, de uma necessidade biológica.

Aquêle cuja existência é orientada por percepções e raciocínios superiores e não pelos instintos e desejos capta e percepçiona, desde logo, o sentido profundo destes ensinamentos do mestre Spinoza. Sublinha ou sugere êle que a felicidade do coração e da mente está em exercer completo domínio sobre as emoções e paixões e não em amar objetos encantadores, em odiar coisas e seres detestáveis. Afeições são sentimentos que trazem desordens a nosso espirito, que desequilibram e desarticulam nossa alma --- é preciso mantê-las à distância ou sob severo controle da razão, delas é necessário fugir como da peste, porque são, efetivamente, doenças, enfermidades, moléstias agudas, dolorosas.

Os conceitos de Spinoza são necessários, importantes, certos, o que de forma alguma seja o mesmo que dizer serem êles conceitos suficientes, absolutos; as idéias spinozianas caem ou giram na mesma órbita de relatividade que é a marca de todas ~~distâncias e diferenças que existem entre~~ as coisas que são humanas, apresentam a mesma linha duvidosa ou equivoca que singulariza todo o pensamento humano. É natural que assim seja, porque ninguém jamais poderá entrar na posse senão de verdades parciais, a Verdade total, absoluta sendo coisa inacessível ao espirito humano, nenhum buscador da verdade e do conhecimento podendo ter a possibilidade ou a suprema felicidade de alcançá-la um dia.

Assim, sempre refletindo na esfera de relatividade dos conceitos adequados, construídos pela maior força da alma que é a de pensar e de formar idéias lúcidas e claras, entende o nosso mestre Spinoza que a paz de espirito jaz inteiramente na compreensão filosófica, nas alegrias da compreensão racional que nos liberta das vertigens dos sentidos e dos sentimentos ~~desagarrados~~ desgarrados. A conduta reta da vida --- diz êle, sentenciando plácidamente --- está no sereno govêrno de si mesmo. Por isso consignou, entre as regras do bem viver, a alta verdade de que

"o ódio deve ser vencido por meio do amor e da generosidade e não compensado pelo ódio recíproco."

Este é um preceito da razão, diz o filósofo; preceito utilíssimo, dos mais salutares e que portanto deve estar sempre presente ao nosso espirito. Banir ou sufocar a onda de ódio que por vâzes nos assalta, através do bálsamo benéfico da generosidade, é uma necessidade para quem deseja viver em paz e com tranquilidade. Ao querer exemplificar seu modo de pensar, pondo em evidência a ética e a estética da indulgência ou generosidade e, por extensão, da compaixão pelos seres humanos, escreveu o filósofo:

"é preciso pensar amiúde nas ofensas que se fazem comumente aos homens e meditar sobre elas, assim como sobre a maneira e o meio de reprimi-las o melhor possível por meio da generosidade; desta sorte, uniremos a imagem da ofensa à imaginação desta regra, não deixando nunca de proceder por esse modo, quando uma ofensa nos é feita."

A compaixão, de que aqui se fala, não é certamente a compaixão cristã, a infinita generosidade da caridade pregada por Cristo; indulgência. o que Spinoza saudava como verdade era a ~~razão racional~~ racional, a benevolência nascida das luzes da razão natural, bem diversa da tolerância amorosa e sobrenatural ensinada pelo Divino Mestre.

Racionalmente considerada, a amizade <sup>mútua</sup> é muito útil para nós e deve ser mantida; ela favorece-nos, vem de encontro ao nosso verdadeiro interesse e, consolidá-la, fortificá-la, é um bem, só produz benefício para ambos os amigos. A conduta reta na amizade recíproca é de molde a produzir "uma satisfação interior soberana" e, assim, não se deve tizná-la com a mancha de nenhuma ofensa pessoal, porque da ofensa nasce habitualmente o ódio, a cólera é o fruto ordinário da injúria.

A tristeza é vencida com firmeza de alma, do mesmo modo que "os perigos comuns da vida" são suplantados ou "dominados por meio da presença de espirito e da força de alma."

Há um princípio evidente que devemos observar ao concatenar

ou dar ordem aos nossos pensamentos e imagens: "é preciso sempre considerar o que há de bom em cada coisa", desprezando ou ocultando na sombra o que em cada coisa há de mau, de desagradável, aversivo. O enunciado dêsse principio é singelo, bem claro e transparente e seus benefícios saltam ~~logo~~ <sup>mais</sup> à vista ~~mas~~ desatenta, mais desprevenida, pois se apenas levarmos em conta o "lado bom das coisas", com perfeito desdém ou completa ignorância do seu "lado mau", é bem certo que estaremos munidos de disposições felizes e "sempre determinados a agir por uma emoção da alegria".

Tôdas as coisas são duais, duplas, têm duas faces: a boa e a má. Só considerar o aspecto mau das coisas é cair no pessimismo, que pode ser taciturno ou pérfido; se só pensarmos na fisionomia boa das coisas ~~XXXXX~~ <sup>veremos</sup> despertar em nós o otimismo, a alegria, a crença e a confiança nos seres e nas coisas. Em si mesmas, tôdas as coisas são indiferentes, impassíveis, sem significação; nós é que emprestamos às coisas sentido, significado, aspectos. Consideradas em si mesmas, as coisas não são boas nem más; nós é que imprimimos-lhes semânticas amargas ou risonhas, doces ou tristes, belas ou feias, benéficas ou perniciosas, tornando-as bifrontes, bi-frontes, como o deus romano Janus. E, decorrentemente, se temos de fazer uma escolha entre o que é bom e o que é mau, justo é e bem mais útil e proveitoso <sup>para nós</sup> ~~é~~ que tal opção seja feita do lado bom e não do lado mau. Somente quem tem vocação para a desdita, inclinação masoquista para sofrer e percorrer o caminho do infortúnio é que escolherá para si o lado mau, sombrio e desgraçado das coisas, desdenhando ou pondo à margem o que é fonte de alegria, de prazer e de elevação de ânimo.

De Sinajais Dale



SPINOZA: NOTAS DOS CADERNOS DA TARDE OU UM

HOMEM QUE CAMINHOU NA DIREÇÃO DA PAZ

UBIRAJARA ROCHA

Os exemplos citados por Spinoza são deveras característicos, particularmente expressivos; assim, reflete êle, quem "está muito enamorado da glória" deve pensar no bom e não no mau uso da glória, não deve pôr a glória ao serviço da vaidade e das ócas pretensões de prestígio e domínio sobre os demais; desfrutada sem critério a glória é antes um mal ou flagelo do que um bem para o individuo. A respeito da inconstância ou infidelidade ou ingratidão dos homens, tidas como certas, espontâneas, inegáveis, comuns, por que pensar nelas? Devemos



para nosso próprio bem, para benefício de nossa paz interior, afastar essas idéias de nossa mente, porque elas só podem gerar em nós emoções de desconforto psíquico, emoções desagradáveis, fazendo crescer ao infinito a aversão que a sordidez ou a mesquinhez humana nos suscitam. O que realmente devemos é fazer abstração da maldade natural do ser humano, libertarmo-nos da impressão amarga, triste e melancólica que êle nos desperta e inspira, lembrando-nos constantemente, evocando invencivelmente as boas qualidades e dotes simpáticos e atraentes que ornarn qualquer pessoa humana, compensando-lhe muita vez as falhas e defeitos de caráter.

É preciso que nos libertemos do vêzo pessimístico, como que orgânicamente arraigado em nós, constitucionalmente entranhado nas fibras de nosso ser, de só pensarmos mal das coisas e dos seres, de nunca pensarmos com simpatia para nada. Isto é um grande mal para a nossa existência e jamais nos leva a agir com genuína emoção de alegria, boa fé e credulidade. Isto só nos causa pesar, dor, sofrimento. Falar mal ou pensar mal de tudo é um hábito desgraçado, um hábito que acarreta incalculáveis malefícios para nossa vida. As frustrações normais da vida geram ressentimentos profundos, mágoas íntimas das mais terríveis, abrem extensas fraturas emotivas, erosões psíquicas, feridas mentais quase incuráveis, incisões, cicatrizes em nosso mundo subjetivo, de onde sobem gemidos fúnebres, mugidos agudos de dor e revolta. As frustrações criam, lentamente, um ego doloroso e infeliz, como é, tipicamente, o caso do ambicioso que não vê realizados seus sonhos de prosperidade e poderio. Os ambiciosos, quando mal sucedidos, derramam pus no rico tecido da vida, afligem-se ao infinito, fixam orgânicamente seus pensamentos na aflição e no desespero mais negro, não mais desejam participar do milagre da vida, malsinam <sup>prodigioso</sup> esse milagre, maldizem do destino e da fortuna, deixam-se dominar pela cólera por não terem alcançado a honra que tão profundamente ambicionaram.

Quem só vê o lado negativo e não positivo das coisas é que se compraz em deprimir os insucessos da existência, não sabendo colher triunfos dos próprios aniquilamentos, não conhecendo a sábia arte de

recolher ensinamentos e lições das tentativas falhas, dos projetos abortados, dos planos reduzidos e escombros e ruínas, dos sonhos caídos ao chão, de asas partidas. Tais quedas deveriam fortalecer-nos interiormente, desenvolver a paciência aos máximos limites, eninar-nos a saber esperar como fazem os fortes, os lúcidos, os livres e não encher-nos de rancor, ou de apatia e desânimo, ou toldar-nos o espírito pelo espesso véu do ressentimento, da amargura doentia dos estados depressivos e melancólicos. Nosso dever, tanto moral como espiritual, seria o de reagirmos sempre, com resolução firme, orgânica e autêntica, contra a falta de êxito em nossas empresas, contra o insucesso em nossos <sup>alegre</sup> empreendimentos, lutando bravamente, com ~~algum~~ e sólida vitalidade íntima, contra o fracasso. Mas assim não age o ressentido, o qual, como vimos, se deleita em derramar bilis, em despejar seu humor negro sobre tudo e tudo, como vingança e desferida contra os desfechos desarmonicos de suas pretensões, contra os desenlaces insatisfatórios ou gorados de seus sonhos de grandeza e poder, de conquistar honra, merecimento e aprovação ou admiração dos outros.

Que faz o avaro frustrado, que atitude toma o ambicioso que a vida empolga no fracasso e na derrota? Roem-se de inveja, falam-se de cólera e desespero contra a vida e o destino. Vingam-se infantilmente, de modo emocionante, e procuram compensações mórbidas, doentias para justificar seus fracassos estrondosos, ao invés de captar lições de sabedoria e de verdadeiro conhecimento dessas quedas altissonantes. Cresce ou deixam eles crescer, espontaneamente em suas almas, a ferida horrível, enorme, hedionda do ressentimento, procurando diminuir a beleza e a grandeza dos próprios sonhos que sonharam e que haviam acalentado a esperança de realizá-los. A êste respeito a exposição de Spinoza avança com crescente nitidez, torna-se mais e mais penetrante e significativa; o filósofo, que tão bem conhecia tanto a tragédia da humanidade como os enigmas da alma, os segredos do coração humano, escreveu desta forma, com beleza e sentido, em espírito e verdade:

"Os que desejam mais a glória são certamente os que falam mais alto do seu mau emprêgo e da vaidade do mundo. Isto, de

outra parte, não é propriedade exclusiva dos ambiciosos, senão que é também comum a todos aquêles a quem é contrária a fortuna e que são impotentes interiormente."

( Vemos, com facilidade, que vibra ou sôa e ressoa <sup>aqui,</sup> muito caracteristicamente, a velha, pitoresca e saborosa sabedoria popular, quando afirma, em um dos seus adágios mais difundidos entre o povo, que --- "quem desdenha quer comprar" ).

"O avaro --- prossegue Spinoza, na plástica e apropriada enunciação de seus exemplos --- "o avaro, quando é pobre, não cessa de falar do mau uso do dinheiro e dos vícios dos ricos. Existem outros que não têm senão o defeito de procurar demonstrar aos demais que não sofreram somente com a sua própria pobreza mas também com a riqueza dos outros!

Reçumam ai, muito visivelmente, as atitudes de inveja, despeito, amargor pela fortuna ou felicidade alheia. Um surdo e secreto rancor fremente, ferve pela vitória alheia, pelo triunfo <sup>iguais ou dos</sup> parceiros. O fulgor maravilhoso da vitória ofusca os olhos dos mediocres, dos mesquinhos, dos derrotados, dos que são condenados a se extinguir em cinzas, em esborecinadas ruínas vivas. A impotência não perdoa e lentamente elabora a ferverura interior de ressentimento, buscando deprimir ou amesquinhar o valor do triunfo conquistado, da vitória obtida à custa de enormes esforços, sacrifícios e abnegações. A compreensão, a admiração, o louvar e o elogio seriam, no caso, uma prova e uma demonstração de virilidade, lucidez e liberdade; mas tal não acontece com o ressentido, com o magoado, com o deprimido, com o dolorosamente invejoso do êxito alheio, da glória ou sucesso de outrem.

Mas, prossegue Spinoza, ao desenrolar sua lista ou rol de exemplos nimamente expressivos, apresentados para evidenciar estas complexas e contraditórias "flutuações da alma" dos homens:



"De igual modo também, os que são mal acolhidos pela pessoa amada, só pensam na inconstância das mulheres, nas falsidades do coração femenino, mas se esquecem de tudo isto tão depressa quanto mais deperessa forem de nôvo acolhidos, favoravelmente, pela amada."

Atingimos aqui o moto principal, o núcleo essencial de nossa dissertação: o governo de si mesmo, o governo das emoções, como caminho certo, seguro, para a conquista da paz espiritual, para a tranquilidade da alma, que é o maior bem que pode aspirar uma criatura humana em meio ao "ruído tormentoso da vida", às "dolorosas realidades do mundo", aos loucos tumultos e agitações da existência. Na posse desta alta serenidade de espírito repousa toda a ventura humana, jaz toda a essencial <sup>felicidade</sup> original, pura e poderosa, da quinhão de ~~faixinha~~ que ao ser humano os deuses concederam, dada como forma única e talvez não precária e perecível de ser feliz.

Não há outra forma de ser feliz, na terra, senão dominando completamente as emoções, as paixões, as afeições. Disse-o Spinoza, e nós concordamos com ele. Spinoza está certo; esta é a convicção que pretendemos deixar bem salientada no final ou no remate deste modestíssimo ensaio. A emoção, a paixão, a afeição palpitam, fremem trágicamente, estão dramaticamente presentes em toda a vida, atos e sofrimentos dos insensatos, dos que se desgovernam nas trilhas da existência, ~~dos que se perdem ou se desgarram~~ <sup>das sendas do destino.</sup> O domínio das emoções traz a tranquilidade; viver sob elas é viver com infelicidade. O sábio vence-as pelo ~~xxxxxxx~~ pelo exercício constante da razão. A emoção, embora insignificante e efêmera, causa dor, angústia; só a reflexão, madura e prolongada, a meditação gera a serenidade, a paz. A emoção é pífida, traiçoeira, falaz; só a razão é clara, redentora, geradora de ventura interior infinita. A felicidade da alma se encontra ao de lá da vibração intensa, ardente, da paixão.

É inútil gastar mais palavras com tal assunto, depois que Spinoza lhe deu um extremo desenvolvimento, nas concisas porém ~~de~~

- 10 - animando  
substanciais e rigorosas análises que sobre ele teceu, ~~introduzindo~~  
em seus conceitos <sup>com</sup> elementos que os farão durar por muito tempo. Assim  
escreveu o grande e nobre espírito que concebeu o estranho, difícil e  
miraculoso livro da "Ética":

"Portanto, aquele que trabalha por governar suas emoções e  
seus desejos só por amor à liberdade ( à liberdade interior, natural-  
mente, como é especialmente referida pelo filósofo ), esforça-se, en-  
quanto pode, para conhecer as virtudes e suas causas e em proporcionar  
a si mesmo a plenitude do prazer que nasce do conhecimento verdadeiro,  
não considerando, de nenhum modo, os vícios dos outros homens, ou re-  
baixando a natureza humana e satisfazendo-se com uma falsa aparência  
de liberdade."

A observância diligente e rigorosa desta regra, a qual,  
consoante frisa o filósofo, "não é difícil", uma vez alimentada pelo  
constante exercício, dará em resultado o poder de "certamente, em cur-  
to espaço de tempo, capacitar-nos a dirigir nossas ações conforme os  
mandatos da razão."

Viver segundo os mandatos da razão é certamente, como já o  
dissemos muitas e muitas vezes, aprovando e transcrevendo os conceitos  
spinozianos, viver livre e longe dos botes perversos e traiçoeiros das  
emoções, que nascem para agitar e mortificar nossa alma, levando-a ao  
desespêro, ao caos, ao abismo. A emoção sinua em nossa alma, demoniaca-  
mente, qual cobra que se desenrosca molemente num galho de árvore afli-  
ta, assustada com essa venenosa presença, com a presença dessa estre-  
ta e mortífera criatura.

---

UBIRAJARA ROCHA

Ubirajara Rocha

ORIENTAÇÕES

UBIRAJARA ROCHA

A "moral da quantidade" é doutrina que cerebralmente se desdobra nas páginas densas de Albert Camus, poderoso pensador e artista que antes de deixar para sempre a terra dos homens criou uma obra perigosa e fascinante, repleta de pensamento e emoção literária. Este incomparável autor de livros raros, cintilantes, pretendeu demonstrar ou provar que a vida é absurda, integralmente sem sentido; mostra, em seu filosofismo literário, muita coisa que já sabemos --- isto é --- nem sabemos de onde viemos nem para onde vamos, o imprevisto nos governa, somos dirigidos pelo inesperado, ou, em outros termos, todos somos impelidos por ventos desconhecidos.

Camus concebeu, idealizou e exprimiu da moral que reverencia a quantidade, colocada em franca oposição à moral da qualidade. Negativamente os verdadeiros e supremos valores morais. Esta moral camusiana é notavelmente deprimente para a genuína dignidade do homem; é da moral inteiramente fruto de elaborações da mente --- essa "velha toupeira", como diz Walter de La Mare; moral por conseguinte fria, cerebral, excessivamente lúcida, inimiga ativa da autêntica e nobre moralidade humana.

Camus põe entre parêntesis o invisível, o sobrenatural, visto que é ateu, é mesmo antiteísta; para ele, todos os caminhos que conduzem a Deus são crimes contra a razão -- "crimes que merecem todos os rigores policiais". A moral quantitativa exerce enorme sedução sobre as moças e rapazes borboletas, que não pensam em nada, que nada sentem com seriedade; exerce fascínio, ainda, sobre os adultos de meia-idade, adubando ou favorecendo o donjuanismo característico do demônio do meio-dia. Camus é ídolo para os que se entregam à procura melancólica do amor, que caracteriza os que já não são moços.

A imagem do amante, prefigurada por Camus, é um homem frio,

cerebral, lúcido, ativo, sem lirismo nem romantismo; seu amor é apenas desejo e dura enquanto durar o desejo; deixa-se picar pela asquerosa "aranha da voluptuosidade" --- esta expressão é do tenebroso e torturado Dostoievski --- e ruma, cético e impávido, em busca de novas emoções ou aventuras dos sentidos. O amor, assim, não passa de um cutâneo roçar de duas epidermes, simples espasmos físicos, efêmeras sensações epidérmicas e sub-rationais. Pode ser amor que dura um ano, um mês, um dia, uma hora --- ou mesmo amor que dura o tempo de um beijo...

Em resumo, o amante, como o idealiza Camus, é um cerebralista árido e sêco --- "árido como um espinheiro bravo numa charneca nua". O donjuanismo camuseano envolve a realidade em dureza e frieza mortais; o amor torna-se um sentimento acre, direto, implacável, momentaneamente possessivo e feroz; este amor é o encontro de dois corpos; nada mais. É a conjunção fugaz de duas sensualidades vadias e, eo ipso, não é amor.

A mulher, sem dúvida alguma, não sonha nem quer ser amada assim. Embora adore como ninguém a sensação fina, a mulher é a eterna romântica e só aspira ser intensamente amada em imaginação, nos transportes da ternura mais doce --- ternura do coração, caído em carinhosa rendição. Sem tal amor a vida --- para a mulher --- é mera paisagem. O que mais humilha a mulher, o que ela mais detesta porque mais a desmoraliza, é ser usada pelo homem, é ser transformada em objeto ou instrumento de prazer desvanecente ou fugitivo.

É falso dizer-se que a mulher, no amor, é um instrumento inerte, passivo, nas mãos do homem. "Aquêle que identificasse disponibilidade e passividade, no amor humano, mostraria nunca ter ido além da fase da dialética da sedução" --- escreveu Charles Moeller. Errou Sartre, lamentavelmente, quando sentenciou que neammer não há senão sadismo ou masoquismo: a doação ou entrega da mulher pode ter essa natureza mas isso não pode ser erigida em regra universalizável. Não tenhamos dúvidas em afirmar que a passividade da alma feminina ( Anima como dizem os autores espirituais, sendo o Animus o principio masculino ) é "ativa de um modo profundo"; tal passividade

é "a forma suprema de atividade."

"O corpo da mulher revela bem, pela sua estrutura, ser feito para se abrir, ser visitado, fecundado, e que só então realizará a sua suprema atividade, como corpo, dar o amor e a vida; do mesmo modo, o fundo da alma é realidade feminina, porque é abertura ao dom da vida divina." ( Charles Moeller ).

Pregando a felicidade como um sonho que se obtém através do prazer Camus esquece que o prazer é dor, é sofrimento. O homem do prazer jamais poderá ser feliz, nunca poderá ser "ditoso", como é dito no inesquecível "Mythe de Sisyphé". O que resta, invariavelmente, do gozo sensorial, da fruição das delícias impuras é um sentimento de humilhação e baixaza, uma sensação de culpa e de abjeção. Isto é o que se encontra no prazer e não nenhuma espécie de felicidade.

Na verdade, bom é que as dores resultem ou derivem do prazer cego e irresponsável; é excelente para o homem que a essência do prazer seja a dor, porque

as dores são como os cachorros que Deus atira ou aqula contra o homem, para pô-lo no bom caminho.

A moral quantitativa de Camus abole a idéia ou o sentimento do Infinito. A infinitude não pode existir na vulgaridade, ninguém pode imaginar o infinito se vive com os pés atolados na terra. O homem sem gravidade não pode crer no infinito, esta hipótese não encontra espaço em sua exiguidade interior.

"O sapa não vê senão o charco onde vive e a estrêla que o ilustra, de longe." ( Gilberto Amado ).

Triste, mesmo desolador, é verificar que o sonho de felicidade, proposto pelo grande escritor francês aqui referido, tem criado um perigoso estado de espirito, capaz de modificar "a mentalidade



de milhões de contemporâneos".

O partidário ou seguidor da "moral da quantidade" é, propriamente falando, um "desligado". É um ser frio, sêco, lúcido, altivo, independente, sem participação ao que se passa à sua volta. É despido de romantismo, apenas dotado de cerebralismo; seu erotismo é um "erotismo triste"; não há auréola de lirismo em nada que faz, sente ou pensa. Arrasta uma vida sem beleza, sem arte, sem poesia. Quem vive essa espécie de moral vive no plano do instinto; "vive a sua vida num entorpecimento lúcido". Será então capaz de assistir, "como um estranho", aos funerais de sua própria mãe. "Tem a impressão de que nada disse tem sentido, nem lhe diz respeito." Repete-se, aqui, o fato que ocorre em certos sonhos: "participamos de um drama ao mesmo tempo que nos sentimos indiferentes pelo que acontece".

Contudo, o "homem ditoso" de Camus não conquista esta dura impessoalidade, este indiferentismo remoto, metafísico; ela não cava em si mesmo esta posição astralmente distante da realidade, bem diversa da "santa indiferença" de São Francisco de Sales. A indiferença do santo vem da seu senso de invulnerabilidade diante das sugestões pecaminosas do mundo, em face das dores e sofrimentos ou mesmo do martírio a que o homem está naturalmente exposto. O santo é indiferente ao que lhe acontece, porque sabe que merece sofrer e que Deus está com ele. É indiferente, enfim, o santo, porque sabe que Deus o ama, que Deus morreu por ele e o quer como cidadão do seu reino.

Onde portanto está a grandeza da "indiferença Camuseana", posta em comparação com a "santa indiferença"?

O homem indiferente, na "moral da quantidade", é, como dissemos, o egoísta frio, o homem de egocentria exaltada, o lúcido saboreador de prazeres superficiais. O amor que experimenta é um "entorpecimento sonhador". Sua existência é feita de "um automatismo de pesadelo"; a tudo assiste como um estranho, um espectador não envolvido ou implicado nos fatos, mesmo que o fato diga diretamente respeito a ele, mesmo que seja ele o objeto central do acontecimento. O camuseano completo, integral permanece distante, alheio: "Percebe

confusamente" --- como um personagem fraternal --- "a distância que separa a imagem que os outros fazem d'ele da que ele faz de si próprio." - "Há nêle qualquer coisa de doente, porque a sua ausência de senso moral é assustadora." ( Charles Moeller ).

É, enfim, o camuseano um ser tomado pelo desejo melindroso de fugir a qualquer conflito. Não quer "participar" de nada, não quer "engajar-se" a nada. O que ele mais teme é enviscar-se na fluida facticidade da vida; o que teme profundamente, o que longamente receia é ser obrigado a perder a sua posição de "estranho" no mundo.

A única felicidade possível a esse homem é viver como "estranho" à vida; assim vivendo crê que será o "Sisifo feliz", tão admiravelmente descrito por Camus em seu livro. A única vida digna de ser vivida é a vida absurda, a vida sem sentido, a vida "estúpida" --- a vida de "homem ôco e empalhado", como escreveu T. S. Eliot. Tal vida é reduzida a um "estiramento ao longo <sup>dos dias</sup> das ~~desafas~~monótonas em que se recomeça a mesma coisa, sem tréguas, trabalhar, sonhar, tomar banho, amar, conversar, dormir."

A moral do absurdo é, para Camus, a "moral de Sisifo", a "moral dos homens ôcos", vivamente pintados no poema de Eliot:

Nós somos homens ôcos

Nós somos homens empalhados

Apoiados uns aos outros

A cabeça cheia de palha. Ai de nós!

Nossas vozes rouquenhãs, quando sussurramos juntos

São quaves e não têm sentido

Como o vento na relva seca

Ou <sup>os</sup> ~~os~~ <sup>os</sup> ~~os~~ ratos que passam sobre vidro quebrado

Na nossa adega vazia.

O "Sisifo ditoso" é o mesmo "homem ôco, empalhado", isto é, o pobre escravo humano, o desventurado que arrasta pelo mundo o fardo de suas pesadas dores e cruas necessidades. É o triste e infecundo ser cuja existência vemos vividamente simbolizada na fábula ou mito grego de Sisifo;



UBIRAJARA ROCHA

Albert Camus --- grande, supremo artista <sup>ou</sup> ~~gr~~ pensador que a <sup>inteligência do</sup> ~~brutalidade da~~ França nos legou para sempre, através de uma obra límpida e luminosa, notavelmente repleta de claridades intelectuais de mais alto valor artístico e literário.

Camus é escritor profundo e perfeito, sabendo surpreender, nas mil faces da vida, as formas integras da verdade. Não permanece, as mais das vezes, no domínio do inacabado, do provisório, do à peu près, isto é, do "mais ou menos", como é costume dizerem os escritores franceses, no feitiço infinito de sua literatura tão harmoniosamente edificada.

Contudo, na pregação camuseana da moral do absurdo --- que é a moral da quantidade, erguida em forte e radical oposição à moral da qualidade --- não podemos perceber <sup>sem por isso</sup> ~~qualquer~~ espécie de verdade. Aqui, neste particular setor, as verdades relativas, parciais não se apresentam ligadas pelas cartilagens eternas da Verdade absoluta. Aqui erra ou se engana o grande pensador e artista, traduzindo incoerências, incongruências e falsidades em sua prosa tão densa, ágil e fina, repleta de <sup>fecundidade</sup> ~~continuidade~~ sedutora virtuosidade literária.

A moral da quantidade adula, corteja a sensualidade, os instintos inferiores, os apetites orgânicos do animal humano. Sua superficialidade é imensa e surpreendente. É a moral dos que se afaçam em construir, através de mil acidentes, a sua felicidade relativa. Portanto, moral de rebanho, moral da multidão anônima e sem rosto --- moral da mediocridade natural do homem comum.

Para Camus, sendo a vida sem sentido, absurda, deve o homem "deixar-se viver", viver sem preocupações angustiadas, sem inquietações metafísicas, caindo nos braços da sensualidade, esse monstro torvo e devorante, rio ou torrente de fogo que consome e devora a personalidade humana. Es

Que é isto senão a artística defesa do ideal da vida "estúpida"?

A moral quantitativa talvez somente seja válida para os que se dispuserem a levar uma vida vulgar, baça, sem intensidade, sem beleza e sem nobreza, sem verdadeira qualidade humana.

A moral do absurdo é, para Camus, a moral extraída do mito grego de Sisifo, concebida segundo a vida do pobre e desventurado escravo humano que arrasta pelo mundo o fardo de suas pesadas dores e cruas necessidades. Para Camus, como estamos vendo, o homem é apenas um triste e infecundo condenado à existência; tal é o sentido do existencialismo da célebre cronista de "A Peste".

Se a vida não tem sentido como vivê-la dignamente? Responde Camus: pela moral do absurdo.

O homem constrói <sup>escreve</sup> ou ~~manipula~~ a sua história vivendo o momento presente. O momento atual é uma viscera cruenta e palpitante e que deve ser gozado o mais intensamente possível --- mas esse gozo deve ser momentâneo, passageiro, não deixar recordações dolorosas.

"O homem é o único animal que tem história."

Mas --- adverte Mauriac --- "o homem puro não tem história."

Longe portanto, bem longe com a pureza de costumes, com o rigor dos preceitos éticos: o imperativo humano, o imperativo do absurdo é procurar suportar a vida através do prazer.

A fé, a crença religiosa, é, para Camus, uma espécie de "suicídio filosófico": o homem deve rejeitar essa oferta de salvação proposta pela religião. Outra espécie de "suicídio filosófico", idealizada pelo grande escritor que estamos ligeiramente comentando, é simbolizado na fuga do homem através dos tóxicos e drogas: o "droguê", o viciado em entorpecentes e que procura é o "adormecimento da consciência dolorosa", o inebriamento traiçoeiro que se encontra nos "paraísos artificiais" criados pelo uso de narcóticos. A conclusão geral ou final de Camus é que o homem não tem o direito de



aniquilar sua vida corporal nem seu espirito através do desvario de qualquer tipo ou espécie de suicídio.

O suicídio --- diz Camus --- é o problema filosófico por excelência, mas, ao analisá-lo, devemos condená-lo da maneira a mais sólida, formal e radical. Não é ele, em nenhum sentido, solução para o problema angustiante da absurdidade da vida. Embora sendo a vida essencialmente absurda, entende Camus que devemos vivê-la até o fim.

Ninguém tem certeza de nada, salvo do pesadume desta existência sem sentido, existência absurda mas que é preciso viver com todo o seu absurdo. Esta vida é preciso vivê-la animado pela "moral da quantidade". Moral que ensina a deixar rolar as coisas, gozar as alegrias de superfície e não participar de nada, desligar-se de tudo; moral, ainda, que nos leva a viver na "meiga indiferença do mundo", a levar vida "estúpida", bem distanciada das certezas da fé, vaptacterizando-se por repelir as "consolações" e a "esperança" da religião. Ser feliz portanto, no lidimo sentido camuseano, é viver "vida passiva", com rejeição da doce medicina da fé, com rejeição de Deus; a verdade, diz o nosso grande escritor de análise, é que o homem pode ser feliz, "apesar de tudo, levando vida estúpida, automática, animal"; vida "superficial, irrefletida, instintiva como a das multidões."

A felicidade é feita de momentos felizes; é preciosa e fugitiva espuma que vez por outra pode ser fruída pelo homem. A felicidade não é um estado duradouro, permanente; há instantes de felicidade ou ventura que podem ser colhidos na monotonia rude da realidade, que podem ser saboreados mesmo pelos que levam uma vida sem significação, nula, vazia. Podem ser venturoso até os homens que se movem à toa, "como todos os homens verdadeiros." A maravilha de ser feliz pode ser alcançada por qualquer, através da morna animalidade da vida "estúpida", sem preocupações. Deixar-se, simplesmente, arrastar-se na vida, já é ser feliz, já é ser o "Sísifo ditoso".

Os "homens de Deus", segundo Camus, os homens que empenham a vida em nos impingir as certezas da fé, as verdades da religião não poder dar ao homem nenhuma alegria verdadeira, nenhuma felicidade

perfeita. Suas certezas não são certezas, suas verdades não são verdades, porque, verdadeiramente falando, não há certeza, não há verdade. Própriamente dizendo, não são os homens que podem ensinar a viver, visto que todos vivem como mortos: mortos para o mundo. A religião, que é a religião senão o mar morto, o pântano onde ninguém pode viver, respirar? O melhor, por conseguinte, é viver lisamente, planamente, viver esvaziado da esperança. E diz textualmente o grande e fascinante artista e escritor:

"Nenhuma das certezas da fé vale um cabelo de mulher."

Camus dá o quê em troca ou em substituição às <sup>certezas</sup> ~~maximizadas~~ e verdades religiosas? que ridiculariza, desdenha e abole?

"Saúde, honestidade, ternura, tais são as faces da religião da felicidade em Camus."

Esta felicidade deve ser humilde --- prossegue explicando Charles Moeller --- humilde, modesta, velada, fácil de ser obtida, e que o pobre <sup>Sisifo</sup> ~~Sisifo~~ pode ser capaz de insinuar neste triste e lamentável mundo do absurdo --- mundo em que

"as guerras recomeçam sempre, as doenças, o sofrimento dos inocentes, e a maldade do homem para com o homem prossegue sem tréguas o seu ciclo de pesadelo."

É preciso ouvir ainda o sem desta íntegra verdade; desta vez sempre Camus coerente com as sublimes certezas do cristianismo:

"há homens, e são os melhores, que sacrificam a sua felicidade pessoal pela dos outros. Conformam-se com ser Sisifos infelizes, para que os outros homens conheçam a felicidade."

Este "Sisifo infeliz" é comparável a uma espécie de "Cristo sem cruz", isto é, é um "martir laico", mártir da solidariedade huma- d. l. c.

humana. Laicamente, é o filântropo, não o homem que ama com amor cristão, que se dá com amor de caridade. Tal como disse André Rousseaux, comentando este lance camuseano: "Dir-se-ia que Camus pede ao coração do homem seguranças que tome não encontrar nas perspectivas do espírito."

"O homem necessita de alguma coisa mais que felicidade sensível, e isso, que lhe é <sup>dado pela</sup> ~~dado pela~~ fé, Camus desdenha-o. Se ele observasse mais atentamente a face do homem que quer salvar, veria nele a necessidade de Deus. Aprenderia então que a caridade salva o corpo e a alma. E que, se a expectativa da fé é longa, sugere, ordena o heroísmo da caridade; e que não é treva opaca, senão vislumbre, nuvem luminosa, claro-escuro no seio das nossas dores."

"A principal virtude cristã é a Caridade; esta se dirige antes de tudo aos nossos semelhantes, não comportando apenas os bens sobrenaturais que devemos merecer para eles, senão também os bens temporais de que devemos despojar-nos, para que eles possam viver."

O cristão --- isto não o viu nunca Camus --- o cristão, pela caridade ativa, atuante, tem responsabilidade na "santificação do mundo". E é bem conhecida a frase de Ruysbroeck, na qual se diz que --- "se em meio a um êxtase divino ouvisse o gemido de um pobre, abandonaria a contemplação de Deus para levar sua ajuda ao mendigo."

*Ubirajara Rocha*  
UBIRAJARA ROCHA

ASPECTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS --- PEQUENOS ESTUDOS

OU NOITE ABERTA AOS QUATRO VENTOS

UBIRAJARA ROCHA

I - POESIA E SEMANTICA DO ANDAR DESCALÇO

ANDAR DESCALÇO --- eis o que é considerado por muitos símbolo de total humildade cristã, tendo a mesma significação da "cabeça rapada", imposta por BUDA aos monges mendicantes de sua seita religiosa.

Os "hippies" andam descalços. Este curioso fenômeno, característico e peculiar a estranhos seres contemporâneos, cujo nome acabamos de mencionar, evoca-nos, irresistivelmente, um outro, idênticamente vivido no remoto passado e que brilha intensamente na biografia e na trajetória divina de SANTA TEREZA DE AVILA.

Entendia a maravilhosa santa espanhola do século XVI que andar descalço é um ato poético, um ato <sup>pio</sup> e humanístico, ensopado de integral humanismo <sup>cristão</sup> ~~existência~~. Um ato de religiosidade profunda, revelando completa pureza da alma, absoluto desapego às coisas do mundo. E foi por isso que ela não vacilou em vividamente pregar e exigir a regra de andar com os pés nus. Descalçar os sapatos, humildemente --- eis o exemplo austero e original dado por TEREZA para edificação dos fiéis e rigorosamente imposto às mentes das carmelitas, cuja Ordem ela fundara com o mais profundo zelo e amor.

Ninguém tinha o direito de aproximar-se de CRISTO, o Salvador do Mundo, senão com os pés no chão. Ninguém poderia devotar-se a JESUS, amá-lo com profundo e perfeito amor se porventura a Ele se apresentasse com os pés cobertos por esse símbolo da mundanidade, que são os sapatos. "Vestidas com grosseiro burel e sempre descalças" --- era dessa forma despojada que as freiras do Monte Carmelo deveriam comparecer perante o Senhor. Essa dessa forma humilde e singela que deveriam servir o Senhor.



Concordamos com as razões apresentadas pela admirável santa e prodigiosa mística de Avila, ao defender a tese de que a regra de andar descalço é fundamental para a vida piedosa, porque, realmente, possui alto e profundo significado na devoção verdadeiramente cristã.

Tirar os sapatos era, na aparência, apenas uma simples e pequena redução das peças que formam a indumentária pessoal; aparentemente isso não passava de um ato inexpressivo e destituído de qualquer alcance espiritual; no fundo, porém, analisado nas profundezas do espírito e da fé, essa atitude, tornada hábito, revelava uma clara e ampla "rejeição de materialidade em todas as coisas e a todos os respeitos".

Desta guisa, para que se possa captar o assunto em sua inteireza ou entendê-lo em termos absolutos e suficientes, é preciso ver com os olhos da fantasia, com a força das abstrações, toda a riqueza de idéias que está implícita no gesto e na atitude, aparentemente romântica e irresponsável, enganosamente boêmia, de andar com os pés despidos.

No caso particular das freiras carmelitanas dizem os biógrafos de SANTA TEREZA que os fatos se passaram da seguinte maneira: inicialmente tinham elas andado descalças; a seguir, passaram a usar sapatos; mas a reforma substancial, de "fond en comble", que TEREZA introduzira na Ordem e nos conventos carmelitas fez com que as freiras novamente se obrigassem a andar sem calçados. Em realidade, é nestes estágios que encontramos a história inteira da Ordem das Carmelitas, conforme o depoimento de um erudito moderno e ilustre biógrafo da única e incomparável santa espanhola:

"A humildade era significada pelos pés nus, que haviam tocado a terra do Libano. Mas aqueles que caminharam do Monte Carmelo para o ocidente usaram sapatos, quando cruzaram o limiar dos tempos modernos, e, assim fazendo, tornaram-se filhos da modernidade, pois não somente seus pés eram cobertos pelos sapatos do tempo,



mas também suas almas, sua devoção, suas orações sua piedade. Na sua peregrinação para Deus usavam os sapatos da mundanidade. ( RENE FULOP-MILLER, "Os Santos que Abalaram o Mundo", trad. bras. de Oscar Mendes, Liv. J.Olympio Ed., Rio, 1948, p. 415 - os grifos são nossos ).

Assim, pois, temos, frente a frente, dois símbolos humanos, duas representações plásticas que se miram e se antagonizam cruamente nos significados profundos de suas mensagens. O símbolo da humildade, que não é a singeleza ou a mesquinhez da fraqueza mas tão só a força interna do espírito; e o símbolo da mundanidade superficial, a representação do existir frívolo e leviano, que são os sapatos com os quais ornamos os nossos pretensiosos pés.

Que era e o que ainda é o sapato?

"O sapato era um símbolo de tudo mais. Descalças, haviam as carmelitas praticado o silêncio <sup>usaram</sup> Quando ~~usaram~~ sapatos, conversaram com o mundo. Descalças, viveram suas vidas em fervorosa devo-  
<sup>usaram sapatos,</sup> ção. Quando ~~usaram sapatos,~~ ansiaram por alívio, por isenções e relaxamento. A alimentação frugal, os jejuns continuos das carmelitas descalças dos primeiros tempos, não podiam satisfazer os membros da Ordem em período mais tardio quando usavam elas sapatos e temperavam sua comida e tornavam-na atraente, com todas as espécies de guloseimas e delicadas iguarias." ( RENE FULOP-MILLER, op. e loc. cit. ).

Nesta concepção de longo alcance é que se alberga toda a intencionalidade piedosa, limpidamente cristã, da sublime santa e mistica de Avila. Eram dois mundos, dois espíritos que se digladiavam sem poder um jugular o outro: o mundo e seu espírito artificial contra o

mundo ofuscante e diamantino da espiritualidade mística. Misticismo e mundanismo --- duas realidades substanciais que perenemente se chocam tendo por palco dessa luta o espírito humano, tendo por teatro desse conflito a consciência do homem.

"TEREZA queria que sua Ordem descalçasse os sapatos, mas com eles o espírito de mundanidade que representavam, e assim chamou sua ordem a ordem das Carmelitas Descalças." ( RENÉ FULOP-MILLER, op. cit., p. 416 ).

Diremos, para encerrar esta despretensiosa dissertação, que decerto não desagradaria em nenhum ponto a visão que hoje temos diariamente diante dos olhos, se porventura fôsse contemplada por SANTA TEREZA, visão que nos oferece essa estranha fauna de seres chamados "hippies" --- seres singulares, fortemente desconcertantes e que andam por aí com os pés tão descalços como as freiras primitivas do Monte Carmelo...

( Continua )

*Maria José Dely*

II - HIPPIES, "CIDADÃOS DE NENHUM LUGAR"

"Hippies" --- seres primitivos, criaturas originais, entes excêntricos. Pessoas bizarras e grotescas, burlescamente trajadas. Moços e moças surpreendentemente descalços. Usam vestes sujas e em desalinho, descuido total com a roupa e com o aprumo pessoal. Inconvencionais em todos os hábitos, gestos e atitudes. Estado de espírito livre e aberto. Assustadores com os cabelos longos e soltos, caindo aos ombros como os cabelos de uma mulher. Os rapazes não cortam a barba e, segundo dizem, não têm higiene; ou, se a tem, essa noção de higiene é idêntica à que corria no século décimo terceiro.

"Hippie" --- seria exagero considerar cada um deles tão estranho e surpreendente como uma "serpent de mer", como um "idole précolombienne"?

Sejamos sinceros e digamos sobre os "hippies", em poucas palavras, tudo o que a razão <sup>manda</sup> ~~manda~~ dizer sobre eles.

Parece acertado dizer, ou é mesmo princípio de lei natural, que cada geração segrega em si mesma, em sua viscera cruenta e palpitante, uma vigorosa parcela ou vivo coeficiente de seres anormais, estranhos, negativos. São jovens e adultos esquisitos, insólitos, extravagantes, recebendo em conjunto não importa que designação histórica: "geração perdida", "geração atormentada", geração hippie, ou outra de sentido genérico semelhante.

Hippies têm havido em todas as épocas, em todas as idades do mundo, por todos tendo sido asperamente profligados. A crítica social não os têm perdoado. Formam uma juventude céptica, frouxa, precocemente desenganada, prematuramente desiludida.

Sustenta a filosofia "hippie" que o amor é a essência da vida e que todos devem amar-se uns aos outros. O homem nasceu para amar e somente amando será feliz. A felicidade "hippie" é um estado de espírito, dizem os seus adeptos e partidários, e a felicidade intelectual da alma somente se consegue com a paz, com a renúncia e o desapego os bens efêmeros do mundo.

Vislumbra-se no "hippie" um ligeiro toque de cristianismo primitivo, pregado às margens do Jordão ou do lago de Tiberíades. Cinge-os, pelo menos, uns matizes longínquos de anarquismo lírico. Isso tudo leva os convencionais, inclusive a polícia tradicionalista de costumes, a chamá-los de vadios, de desocupados crônicos e sem brio. Lançam outros bem mais longe a barra, considerando-os indesejáveis, indivíduos de mau caráter, inimigos públicos enfim.

Devem os "hippies" serem condenados pela moral, devem ser combatidos e aliçados do meio social como signos de perversão, como elementos de discórdia e negatividade humana, como precursores de uma sociedade em derradeira dissolução?

São eles perigosos à ordem social? Representam um perigo permanente à estabilidade da sociedade?

É preciso dizer, seguindo a linha de franqueza que nos impuzemos, que, aparentemente, vive o "hippie" uma vida branca e monótona, uma virada parada, sem mobilidade alguma para o bem; o "hippie" senta-se à beira do caminho, senta-se sobre os fatos nus e crus da vida, e ali fica, ali permenece com sua efervescência interior que a nada conduz. Externamente esse estilo de existência não exprime agitação, não revela inquietação. É uma vida sem movimento exterior e portanto sem impaciência, dando a impressão à maioria de nós de ser uma vida inimiga da operosidade e do progresso.

Não há engano em se afirmar que o "hippie" é desconcertante e imprevidente, incapaz de esforço útil e construtivo, socialmente falando, porque vive esquecido até de si mesmo; sua alma é anestesiada e detesta o progressivo ativismo moderno, o dinamismo que, em seu excesso, se pode qualificar de "patologia da pressa", uma das febricitantes manias que empalga o homem contemporâneo.



Em sua habitual despreocupação em viver agitadoamente, lembra o "hippie", em muitos pontos, a calma búdica da alma. Esta serenidade interior, se não for um fenômeno espiritual aparente, ilusório e falso como muitos dizem que é, certamente não é de molde a levar ninguém à delinquência, não puxa nem impulsiona pessoa alguma ao crime. Decerto não será um ser adaptado à violência ou à brutalidade peculiar ao clima do delito o ser que se arrasta pela vida em estado de quietação mística, que procura dominar a vida com "um olhar penetrante mas frio, à maneira de BUDA dos lábios silenciosos e dos olhos fixos."

O "hippie", com seu característico estilo de vida, parece querer mostrar-nos, tenta convencer-nos disso, que "a vida é mais intensa e mais intensamente vivida".

"a vida é mais intensa e mais intensamente humana quando estamos sentados numa cadeira, quietos, parados, dentro de uma sala ou de uma cela silenciosa." ( GUSTAVO CORÇÃO, "Claro Escuro" ).

Em verdade, não somos nós dos que entram, sem reflexão, no côro de louvação ou nas filas de aplogistas cegos dos chamados "hippies", homens e mulheres surpreendentes e originalmente decadentes que, ultimamente, têm atraído a atenção suspeitosa das autoridades policiais de todo o mundo. Contudo, é bem para frisar e salientar, com especial ênfase, em elementar homenagem à verdade, que tais seres de forma alguma constituem uma novidade específica de nosso tempo. "Hippies", ou criaturas bem semelhantes a eles, têm existido em todos os tempos, épocas e lugares. E, no fim de contas, ao cabo de tudo, bem examinados à luz da análise crítica bem intencionada, são eles os seres mais rotineiros, monótonos e cansativos do mundo. Não existe na terra um ser mais intoleravelmente monótono, mais insuportavelmente fatigante do que o sincero e verdadeiro "hippie". Asseguram-nos eles, com petulante entono na voz, com provocante acinte no gesto e na atitude, que "são prá frente", que querem "ir prá frente". Porém, que é isso de "ser pra frente"? Que há, realmente, em frente? Ir para



esse ignoto lugar, para essa desconhecida paragem seria mais importante que "ficar parado ou dormir?". Como é que vamos saber que uma determinada mudança que desejamos fazer é a melhor, a mais necessária? <sup>Teó</sup> ~~T~~emos, por acaso, a certeza de que, se a reforma ( a mudança ) se realizar, não virá perturbar alguma ordem, algum equilíbrio providencial, do qual ninguém pode ter conhecimento?" Em realidade, ninguém há que saiba ao certo quais são as coisas que merecem ser defendidas e quais as que devem ser mudadas. Foi baseado em tal filosofia que escreveu Nathanael HAWTHORNE:

"Tôda filosofia que quizer abstrair a humanidade do presente nada mais é do que: "palavras".

Eis pois aí os "hippies", e o sentido frágil de suas mudanças e reformas, tanto da mentalidade como da sociedade. Pessoas, na verdade, com idéias e sistema de vida bem velhos nos diversos períodos e eras da história humana. Sempre têm existido, no mundo, falanges e mesmo legiões desses moços rebeldes --- "moços esquisitos e inteligentes, que negam o que existe e buscam nem eles sabem o quê." No fundo, nada há de singularmente peculiar nesses jovens, embora eles não abandonem a ridícula idéia de que são "reformadores incompreendidos" .

Já nos idos e bem desaparecidos tempos de HAWTHORNE, foram os Estados Unidos percorridos em tôdas as direções por maltas de jovens e ardentes reformadores, por apaixonados inovadores muito similares aos "hippies" de nossos dias. Acerca desses seres assustadoramente desgrehnados e sem banho diário inglês, escreve um distinto escritor moderno:

"Afim de contas, esses originais em pequena escala, depois que a gente conhece alguns, se tornam mais monótonos e comuns <sup>do que</sup> ~~aqueles~~ até mesmo aqueles que se conservam na estrada ordinária da vida. Eles têm uma regra e uma rotina que

que seguem com tão pequena variação como os outros fazem com as déles e, depois que descobrimos seu mistério, nada se nos afigura mais cansativo." ( MARK VAN DOREN, "Nathaniel Hawthorne", trad. bras. de Ligia Junqueira, Martins Ed., S.Paulo, 1949, p. 107 ).

Eis, em sinopse cruelmente abreviada, a que se reduzem os "hippies", esses pseudo-profetas de nosso tempo, que oscilam entre a montanha e a flor e cujas palavras mágicas pretendem resolver os problemas do universo --- seres, ainda, que vagam indolentemente pelo mundo, com a burlesca pretensão de nêle implantar uma ordem que julgam racional, ordem que imaginam fluir da metafísica do amor, da pura fraternidade humana. Entretanto, como já vimos acima, esse amor e essa fraternidade não brotam das águas vivas do cristianismo, das fontes cristocêntricas da existência mas dimanam, isto sim, do epicurismo da inteligência sensual, do afeto fina ou requintadamente impuros da alma.

Fixam-se os "hippies" em regras mortas, rotineiramente estabelecidas, exatamente como as normas empalhadas dos burgueses tradicionalistas, também eles monótonos e cansativos até à náusea. São os "hippies" falsos existencialistas, porque formam entre os existencialistas ateus... Inspiram, tão-só e tão apenas, ao existencialista cristão, compaixão e piedade. E quanto a nós apenas <sup>comiseração</sup> ~~camiseração~~ humana. ta eles provocam --- esses seres voluntariamente desvitalizados, pálidos de fome, de rostos não espiritualizados pelo pensamento mas pela simples carência alimentar, seres que não aterram porque inofensivos, sequiosos de viver como ciganos, ardendo na vontade de tornarem-se "cidadãos de nenhum lugar", criaturas imprestáveis, levando, segundo pensam os rígidos conservadores, vida indigna, vida odiosa e repulsiva, justificando, assim, o combate das autoridades competentes.

*Luiz Inácio Lula*

VELHICE, ISOLAMENTO, LIBERDADE PARA SE EXTINGUIR EM PAZ

UBIRAJARA ROCHA

I.- PRIMEIRA

SE QUEREM SABER, um gênio profundo, um espirito de grande nobreza, uma alma de estonteante beleza interior --- eés o que foi Hermann Hesse, poeta e filósofo alemão, falecido na Europa em 9 de agosto de 1962, com oitenta e cinco anos de idade. Uma extraordinária intensidade humana, uma pureza permanente de espirito fizeram de Hesse um artista incomparável, único. Sua inspiração era continua; era um modelo de fecundidade original, e somente escreveu livros onde há sabedoria, análise de almas, arte da palavra.

Com lentidão e paciência, ao longo de de anos intensos de vida, inteiramente consagrada ao espirito e à verdade, Hermann Hesse foi criando uma obra maravilhosa, prismática, de muitas faces e aspectos, tão repleta de emoções belas quanto cheia de pensamentos originais, próprios, únicos. Esta personalidade ou originalidade da obra de Hesse não pode ser contestada por ninguém; foi quase sempre pessoal, geralmente não repetindo ninguém, raramente dizendo o que outros já haviam dito. Aparentemente, pelo menos, contrariou fortemente o que disse A. Huxley acerca da construção de uma verdadeira cultura individual, que o escritor inglês supõe ser subproduto de muitos e muitos anos de leituras e análises do que outros já escreveram:

"Não podemos esperar poder dizer algo que valha a pena, a menos que leiamos e digramos as declarações de nossos antepassados."

A cultura individual é, portanto, um reflexo, um eco dos antepassados? Uma transposição melhorada do que ~~sentiram~~ <sup>sentiram</sup> e pensaram os que existiram antes de nós? Somos dos que ~~crêem~~ <sup>crêem</sup> que não; ou talvez isso ocorra no sentido de uma aquisição de cultura intelectual mas no sentido da formação de uma cultura espiritual, que é fruto da inspiração e

não de leituras prolongadas e assíduas. A cultura do espirito se forma através da meditação, da contemplação e não de paciente assimilação de noções ou conhecimentos culturais.

O caso de Hesse foi ~~este~~ este: não era um "sábio", um "filósofo", no sentido técnico do termo um contemplativo, um místico, um homem que propriamente não pensava mas que se esforçava para dizer o real, para desvendar a Realidade Divina, a Realidade perfeita. Não dedicava quase nenhum aprêço aos pensadores racionalistas, aos cultiva-  
cercava  
dores do intelecto; porém, ~~mas~~ de aprêço religioso aos que eram genuínos trabalhadores do espirito, aos que só praticavam atos da verdadeira vida, da vida dos santos que só procuram a Deus, tais como, entre outros, Bach, Holderlin, São Francisco de Sales, Tereza de Avila...

Em resumo, Hermann Hesse sabia que não consola ninguém a profundidade intelectual do pensamento; o que, porém, conforta, enriquece e eleva o homem, em qualidade e nobreza, é a pureza do espirito profundo. O próprio Epicuro, na antiguidade, já havia entrevisto esta verdade, pois chegou a escrever com asuidade:

"Vã é a palavra de um filósofo que não  
cura nenhum sofrimento do homem."

É uma pura quimera querer que a multidão sem filosofia desfrute de uma felicidade intelectual da alma. A nobre sabedoria de Hermann Hesse chegou à conclusão de que não pode haver alegria espiritual na terra dos Massagetas; o fétido macaco humano da massa deverá, no futuro, contentar-se em mover-se num "universo humano de autómatos pontuais". O massageta --- anônimo, sem rosto --- jamais irá parar para escutar a voz do místico, do salvador do mundo.

Hesse não suportava nem a simples presença deste homem mecânico, mergulhado na "enfadonha condição da existência" --- reunidos em imensas aglomerações de homens-formigas em vários cantos deste vasto e babélico mundo ---; não os tolerava, porque sabia que tais homens eram surdos e cegos para a sua mensagem de pedagogia mágica.

Na verdade, não a fria e estéril intelectualidade mas a rica e profunda sabedoria mística é indispensável para o governo do mundo,



para o destino dos homens. Foi, com certeza, esteiado em tal conceito verdadeiro que Philo escreveu:

"Casas, cidades, países e até nações  
desfrutaram grande felicidade, quando um  
simples indivíduo dedicou-se ao Bom e ao  
Belo... Tais homens não apenas se liber-  
tam; mas transmitem generosamente aos que  
os encontram uma mente livre."

Que ocorreria a quem porventura encontrasse no seu caminho  
um Santo Agostinho, um São Francisco de Sales, uma Tereza de Avila,  
um Novalis... --- um Hermann Hesse? Receberia, de pronto, a mais bela  
e emocionante lição de libertação espiritual, de desprendimento, de  
desinteresse, de repulsa à idolatria do ego, do culto da personalidade,  
do amor a Deus.

Hermann Hesse mostrava-se abertamente adversário da chamada  
"cultura ocidental". Era um ativo opositor desta cultura racionalista,  
fria, lógica, lúcida, cerebral, cartesiana --- cultura perniciosa por-  
que cultiva, acima de tudo, o eu, a persona egoísta, sempre à beira  
das neuroses e psicoses. Hesse dedicava extremos de amor para a "cul-  
tura oriental", cultura que é pura espiritualidade, voo da alma para  
a Realidade Última, toda banhada de inefável serenidade.

A espiritualidade da numerosa obra deixada por Hesse toca de  
perto a profundidade da cultura oriental. Talvez não haja erro em de-  
clarar que seus livros são banhados pela infinita "cortezia" chinesa,  
ou pelo suavíssimo toque mágico do espírito hindu. Agora, prestem aten-  
ção no que vamos dizer:

No Oriente não há neuróticos.

Pormenor, ou fato mesmo da maior importância. Um escritor  
inteligente e culto, que andou pelo Oriente, informa-nos que não neu-  
róticos no continente asiático.

"Na Índia --- escreve --- não existem neu-  
róticos e tampouco creio que os existam na

Birmânia, na Indonésia, na Tailândia, no Japão, na China. E isso porque nesses países o indivíduo não é persona no sentido cristão ocidental. A persona é produto (dedicado) do cristianismo, das inibições e imposições criadas por ele na alma nórdica ainda bárbara... A persona é o lótus do cristianismo, com suas raízes no lódo de um drama de inibição talvez necessária." (Miguel Serrano, "O Circulo Hermético", Ed. Brasiliense, 1970, p. 108 ).

Talvez possamos suspeitar que nisto resida a veneração que Hesse experimentava pela cultura do Oriente --- cultura de paz, de serenidade, de tranquilidade mental. Hesse mostrou que amava a contemplação acima de todas as coisas, porque conduzia diretamente à solidão criadora, à bela liberdade, porque afastava as dores e os profundos tormentos do pensamento.

Amado, a vida inteira, o budismo, o hinduismo, converteu-se, já no final de seus dias, num "sábio", num "homem perfeito" ( arhat ). Era um guru, um "instrutor espiritual" do mundo.

Amou a atmosfera mágica do hinduismo, do budismo; amou sobretudo o Buda das escrituras pális, tal como pode ser vista claramente em Sidharta, uma de suas obras primas. Temos a impressão de que o autor de "Demian", respirando o ar da perene filosofia oriental, bebendo a inspiração da luz interna, fazia com que sua alma se movesse em plena harmonia, "sem peso, toda luz".

Digamos aqui, para contentar certa ponta de ceticismo ocidental, que Hesse foi, por vezes, um poeta intelectual. De acordo; mas isto foi-o passageiramente, e não de modo demasiado intelectual.

Resumamos, ainda, para finalizar, que era de todo impossível aumentar com qualquer parcela a força e a lucidez de seu estilo harmonioso e sereno. Sua linguagem era brilhante e pura como a de Hölderlin, poeta que adorava. Em todos os seus poderosos escritos

imaginativos e poéticos mostrou ser, ao mesmo tempo, um gênio clássico e romântico. Em Hesse sempre encontramos, simultaneamente unidos, entrelaçados, o belo fervor e emocionante intensidade da juvenildade em flor e a sabedoria de um autêntico mestre chinês, ou até, se me permitirem dizê-lo, a serenidade de uma sábia árvore paradisíaca.

No fundo, talvez o que Hermann Hesse mais desejava neste mundo, sobretudo no término de seus sofridos dias, fôsse ser uma árvore cheia de calma, força e dignidade...

---

UBIRAJARA ROCHA

POLICIA - CONSIDERAÇÕES SEM DATA

UBIRAJARA ROCHA

( Delegado de Polícia em São Paulo )

JEAN-PIERRE CASTELNAU, no derradeiro comentário do breve prefácio que escreveu apresentando o famoso livro de HENRI CHARRIERE, "Papillon", que temos sob nossos olhos em versão portuguesa, trad. de Mario Varela Soares, para a Liv. Bertrand, Lisboa, s/data, afirma ser necessário aceitar --- "a compreensível defesa de uma sociedade contra os malfiteiros", não obstante rejeitar "uma repressão por assim dizer indigna de uma nação civilizada."

Há portanto dois fatos a analisar: a reação social ( justa, legítima ) e a degeneração desta, isto é, o inumano direito penal, a repressão selvagem, primitiva, atentatória dos foros de nação democrática, civilizada. A ausência de humanitarismo da justiça penal vicia, pela base, a repressão criminal. A defesa social é necessária, ditada pela boa e sã razão; é o legítimo direito de defesa da sociedade contra os ~~má~~ malfiteiros que a ameaçam e infestam, que procuram negar sua existência, que sempre a tem querido demolir, procurando conduzi-la ao caos, à dissolução, tentando precipitá-la no reino do desordem, do anarquia.

Para concluir: a sociedade tem o direito de reprimir o crime, de perseguir os criminosos mas dentro das normas e limites fixados pelo humanismo penal, pela sensibilidade jurídica, adversária nata, fígada de crueldade, de violência, de arbitrariedade.

2

É justa esta observação: "diante de ladrões incorrigíveis percebe-se que a sociedade procure defender-se" - "Papillon"

Diante de ladrões e de qualquer outro bandido ou celerado. Contudo é válido também afirmar que a sociedade "não tem o direito de se vingar nem de eliminar ( sumariamente, sem julgamento decente )



aqueles que lhe causam aborrecimentos. É gente que mais necessita de ser tratada que castigada de modo desumano." - "Papillen"

Merecem ser humanamente tratados mesmo aqueles indivíduos, isto é, criminosos que na literatura são chamados de "feras humanas". Marginais cheios de tares, de vícios; tipos perigosíssimos, malmente encobrindo a revolta que faz deles terríveis inimigos da sociedade. Seres totalmente indignos, que vivem na lama, nos montes da sociedade, nas axilas do grupo social, completamente atolados no mal. Nenhum Esquadrão da Morte tem o direito de liquidar com nenhum destes chamados monstros...

3

A pena --- o castigo penal --- : seu caráter essencial, primordial não se funda na intenção de inspirar terror.

A pena é educativa, tem sentido moral, é preventiva, é intimidativa. Não é proibido ser criminoso, mas quem o for sofrerá sério, pesado castigo.

Os integrantes do Esquadrão da Morte nada sabem da teoria ( sã ) de justiça criminal. Crêem que os criminosos --- feras em liberdade --- devem ser "executados" sumariamente. Imaginem que o delinquente --- a fera, a besta humana --- não tem o direito de continuar vivendo... Não a morte ao bestial, ao bruto sempre à cota de presa, de vítima, ao selvagem que sente alegria em destruir, que experimenta prazer em fazer o mal --- gente aparentemente sem alma, criaturas duras, obstinadas, frias, cruéis, insensíveis, sem consciência...

4

Pedimos permissão para lembrar esta verdade elementar: O poder executivo e a aplicação da lei penal são, pela lei, atribuições unicamente delegadas às autoridades competentes.

O Esquadrão da Morte apenas tem usurpado essas funções ou atribuições.

5

Tem pleno direito de viver, de pleitear julgamento justo,

legal mesmo os piores delinquentes, os facinorosos repugnantes, os sinistres celerados e bandidos --- gente ou subgente que para saciar sua imensa sede de vingança, para aplacar sua revolta, não titubeia em atear e abater inocentes --- isto é, mulheres, velhos, crianças, ou mesmo pessoas que nada têm a ver com o caso...

## 6

Ne funde o que quer o componente do Esquadrão da Morte é --- "santificar a vingança sob o nome de justiça".

## 7

A polícia deve declarar guerra sem quartel aos inimigos da paz e da ordem. Porém sem os insensatos fureres da vingança neurótica. Sem ilegalidade. Sem arbitrariedade. Com energia sem violência. Com rigor sem crueldade.

Perante a lógica ( obtusa ) do "vingador" social devem, a-fertieri, prevalecer certas relações de harmonia entre a comunidade e os seus membros ou elementos que a compõem: "Viver em sociedade quer dizer estar protegido na vida e bens, gozar da paz e da confiança, estar livre de certos danos e perigos aos quais continua exposto o que vive fora --- contanto que se vive em paz com a comunidade." NIETZSCHE, "A Genealogia da Moral"

Isto é verdade, mas não toda a verdade; há mais a ser considerado. A óptica do "vingador" somente vê ~~metedogma~~, este cano: fora do cruzes o temível inimigo social, o terrível adversário da paz social --- o "microbio social", como diz LACASSAGNE --- que deve ser extirpado, esmagado sem piedade, implacavelmente destruído.

Segundo esta ~~lógica~~ <sup>lógica</sup>, quem desrespeita as regras de bem viver, os canones do viver social deve ser erradicado da sociedade, O criminoso ( o discolo, o inimigo real da comunidade ) deve pagar caro a sua desobediência; ninguém tem o privilégio de agredir, de violar impunemente as leis, o direito, a moral... Nos casos extremos o "fora-da-lei" ( o out-law ) deve pagar com a vida...

A pessoa do "inimigo público" perde toda a sua significação, torna-se vil, reles, infame, sem importância alguma, de sorte



mortes impunemente; são pielhos esquerrosos, podem ser varridos para fere do mundo e pentapés, e secos, e tiros, pauladas, numa salutar obra de higiene pública, de limpeza social.

(Este é o recicínio ( circular ) dos componentes do Es-  
quadrão de Morte. Nada de juridice nem de humano existe na intermi-  
refletir.  
nável impiedade de tal modo de razinixx .

9

A impunidade --- qualquer um sabe disso --- é poderoso fe-  
ter de criminalidade. Sempre foi baixo e indice ou percentagem de  
crimes esclarecidos e consequentemente punidos; é alta a cifra ou  
taxa de reubes e homicídios que ficam sem ser descobertos. Este fato  
( triste, infeliz ) faz com que os criminosos se sintam mais ou me-  
nas seguros de impunidade de seus crimes, mesmo antes de cometê-los.

Os criminosos, em sua maioria, percebem este triste verda-  
de: se seubera cometer os seus crimes ( se praticá-los com habili-  
dade, mestria ) ficarão impunes, não serão descobertos. Per esses  
Brais afere a polícia conta com recursos e meios para apurar todos  
os crimes?...

Por outro lado, contam os criminosos com outro decisivo  
fator a seu favor: mesmo sendo pilhados, juizados e condenados sua  
prisão pode não ser efetuada; ninguém ignora que há, só em São Paulo,  
milhares de mandados de prisão --- setenta mil? --- para serem cum-  
prios.

Dessarte, a modesta ou pequena quantidade de criminosos  
que são condenados tem, a seu favor, e oblivio das autoridades xxxxxx  
incumbidas de capturá-los.

Observe-se, de respão, fora do tema: xx o sistema penitem-  
ciário atual, e sistema prisional de País está falido para recuperar  
presos; não tem meios, recursos nem pessoal habilitado para levar a  
efeito a emenda dos criminosos. O egresso das prisões é abandonado  
à sua sorte; na cadeia a tendência criminal se intensifica; a cadeia  
pública continua sendo a "escola de crime". Muitas criminosos nem  
deviam ser levados ao cárcere; deviam ser punidos apenas com penas de



multa ( pena patrimonial ou pecuniária ). É preciso corrigir defeitos da legislação penal, neste sentido; certos crimes devem ser punidos com pena de multa e não de detenção ou reclusão. Mas esta, como diria Kipling, é outra história. Ela nos levaria muito longe dos propósitos de nosso trabalho.

10

O velho GAROFALO estava certo: temos de reconhecer que o criminoso-nato é a fera humana, ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ la bête humaine; é o que o torna um ente tão temível, monstruoso, repulsivo e sobretudo o sua ausência de piedade pelas vítimas. É o ser desalmado, selvagem, desumano, frio, insensível, capaz de rir diante das súplicas e lágrimas de seu semelhante prostrado ou ferido a seus pés. Ser sinistro, duro, obstinado, dotado de analgesia moral; é calculista, egoísta, interesseiro, tudo que pensa e sente refere-se à sua abjeta pessoa. Experimenta um impulso fatídico para o mal, despreza todo o ser humano e até toda a humanidade; culpa toda a sociedade como a responsável pela sua trágica situação no mundo. Alguns deles sentem apenas alguma veneração ou algum afeto pela mãe --- o resto não existe, ou é simplesmente objeto de seu mais profundo ódio, de seu surdo e intenso rancor.

Criatura sem Deus, sem religião, sem moral; não tendo caráter não poderia mesmo crer em Deus. É capaz de matar sem remorso, de roubar sem arrependimento. Está sempre pronto para cometer as piores vilanias, as mais negras ações. Com justa razão é qualificado como inimigo público número um, inimigo mortal da comunidade onde vive. Monstro que ( já o dissemos mais acima ) é capaz de dar risadas em face de humano desespero, diante do mais pungente sofrimento. Para ele nenhuma dor é sagrada, cobre-a com seu escárnio...

Mas --- atenção! ouçam isto, parem para pensar no que vou dizer --- mas a tal monstro nós o protegemos e cobrimos com o manto de nosso humanitarismo penal. A democracia é penalmente humanitária. É a capa romantica do direito penal --- a repressão e depois, na penitenciária, na prisão, na cadeia, a execução da pena humanizada, a

a humana individualização administrativa da pena, isto é, sem rigores selváticos, desumanos. O criminoso, pela lei penal das democracias, pela autêntica direito penal civilizado é apenas isto: um ser humano digne de respeito. Por mais baixo que tenha caído não pode ser tratado como um bicho.

11

Outras traços distintivos do criminoso-nota: insensibilidade é indiferente a tudo que não é de seu grosseiro interesse; não experimenta dor moral.

É capaz de suportar ou atravessar as mais duras e aflitivas situações. Dotado de grande capacidade de resistência às condições adversas ( fome, frio, sede, dificuldades nas fugas, esconde-se longe tempo em esconderijos malsãos, insalubres ).

Tem o dom de reaver-se rapidamente ( miraculosamente ) de atentados graves, de ferimentos extensos. Pessua calma nos momentos cruciais ou de crises agudas, criadas contra si pela contínua perseguição policial.

Nutre ódio profundo a tudo e a todos; detesta mortalmente a tudo o que é nobre, belo, elevado. Sente desejo ( satânico ) de destruir tudo, eniquilar tudo à sua volta. Quer destruir todos os seres, todos as instituições sociais. Seu estado ideal seria a anarquia, a desordem total.

Mente por gosto, engana por vocação --- jamais perdos, jamais é compreensivo e bom --- gosta de fingir, de fazer sofrer, compraz-se em ver o sofrimento alheio. É totalmente incapaz de ser grato.

Sente náusea pelo "beau geste", pela beleza moral, pela dignidade alheia, pela nobreza. É cinico, sem pudor, constantemente perverso, mau.

Caracteriza-se pela rejeição reívesa de tudo o que dignifica a vida, e ser humano. Cespe ( escarra ) em todos os valores positivos do homem e da sociedade.

Resiste às provocações e durezas da existência com energia animal, com força cega, instintiva. Raramente adoece seu organismo

ferte, privilegiada...

12

Contudo, que não se queixe tanto e com tanta alarde a sociedade pelas criminosas que possui... Porque é ela própria, a sociedade --- disse-o QUÉTELET --- que arma e move o braço do homicida. Culpe-se portanto a si própria antes de mais nada. Humildade e humanitarismo no tratamento dos delinquentes, antes e depois da condenação. Em nome da moral, do direito, da sensibilidade, da filosofia, da civilização jurídica.

O Esquadrão da Morte --- que irrisão! Impensável, diante das idéias aqui elementarmente expostas.

---

Justiça 12 de 1915

## DO ESCRITOR E O REINO DA HUMILDADE

UBIRAJARA ROCHA

Todo escritor, se porventura vive e orienta sua arte pela doutrina incomparável do Divino Mestre, é um artista humilde. A humildade, a modéstia cristã, o obscurecimento próprio, o esquecimento de si eis os apanágios, a nota distintiva essencial, a característica central do escritor cristão, do genuíno e verdadeiro cultor das letras cristãs, porque o artista cristão não ignora, não pode ignorar que CRISTO condenava a ostentação, verberava o culto das exterioridades ruidosas, execrava a pompa das manifestações insolentes, dos atos de vida petulantes e sem moderação.

O que realmente pretende e busca o escritor autêntico é a expressão de sua individualidade criadora e não propriamente o sucesso fácil, o êxito plateal. Seu prêmio, sua glória está em satisfazer, criadoramente, sua profunda necessidade de expressão, consiste em escrever significativamente e apenas secundariamente tendo em mente a conquista de qualquer precário ou fugitivo triunfo mundano.

O escritor humilde quebra o idolo da vaidade, renuncia a qualquer vanglória humana e, ouvindo a voz de Deus, escutando dentro de si o apelo divino, "deixa-se pregar na cruz e renuncia à sua brilhante carreira humana." Abandona de bom grado, feliz, radiante, a tentação mais séria de sua vida, que é precisamente o êxito intelectual e mundano, "não hesitando em sacrificá-la a Deus a fim de salvar o essencial, a sua fé." Sente-se movido por um impulso fundamental reto e religioso, crendo sinceramente nestas verdades: "Não se pode colocar Deus na segunda fila. Não se pode ser mesquinho, oportunista ou leviano, quando se trata de Deus." E ainda mais: "de nada serve dar a Deus as coisas secundárias, quando se lhe recusa o essencial" --- "a Deus não se pode reduzir à pensão côngrua."

Todo escritor, para receber o nobre nome de cristão, não vacila em "sacrificar o idolo da ciência para seguir apenas Deus." É um artista que traz nos olhos a luz de CRISTO, criatura que neste



mundo de lama, neste "lamentável planêta" não se cansa de se chegar a Deus. Procura exprimir o real de modo autêntico, com elevada lealdade intelectual, com honestidade que se não deixa enviscar na cruel facticidade do quotidiano. Sua arte é alheia às torpezas e vilanias do quotidiano e põe em exílio as pluralidades sem importância, embora consiga enternecer-se, extrair beleza da miúçalha, da maravalha, da "cascalheira dos infimos fatos da existência".

Os problemas do escritor cristão são os problemas do CRISTO. "Os problemas de CRISTO e dos cristãos são os seus" --- escreve URBANO DUARTE prefaciando um seivoso opúsculo de DANIEL ROPS, modelo inextinguível de escritor moderno cujo idealismo humanista é todo ele sazonado pela doutrina do cristianismo. "Sofre quando a luz escasseia, refulge quando o sol lhe bate. Na sua vida vida encontramos brilho, grandeza, audácia, e também humildade, discrição, modestia."

O escritor cristão é como DANIEL ROPS --- escritor que é um modelo, um paradigma inestimável de pureza de espírito. Escritor, ainda, que "não se contenta com idéias abstratas, porque o mistério anda infinitamente próximo de nós"; cinzelador de máximas lapidares e cuja sabedoria serena fornece, com intensidade pródiga, "a garantia da esperança para lá da existência trágica." E não é só: "Sentindo-se responsável das infidelidades do seu século, procura que a luz incida sobre aqueles aspectos que ordinariamente ficam na sombra." Em suma: em DANIEL ROPS o pensamento é vividamente expresso, é expresso com "firmeza, coesão, profundidade, humanidade e eficácia", como somente conseguem fazê-lo os escritores que assimilam a máxima do escritor cristão, que é esta máxima de SANTO ANSELMO: "Ver é crer em Deus."

O escritor cristão, em não sendo humilde, é um transfuga, um desobediente, um discólo da religião que professa, um apóstata, como bem poderíamos dizer sem exagero de expressão. A este propósito escreveu LE ROY: "Être chrétien ne saurait dispenser d'être homme, c'est-à-dire de penser sa vie et de vivre sa pensée." Cabe-lhe, por direito e por exigência da consciência, exprimir literariamente a beleza abstrata da idéia, "as falas mais íntimas da alma", as ~~palavras~~

inquietações de um espírito genuíno, "a mensagem mais pura do Evangelho". Ter "a magia de remexer o fundo espiritual dos homens." --- "A sua aproximação é como o sopro das mulheres sobre o rescaldo da lareira: levanta chama."

J. HERCULANO PIRES alude, em livro inestimável, em texto lúcido e notável, à "empáfia dos sábios-mundanos, que tudo acreditam saber, enquanto a humildadessocrática do sei que nada sei caracteriza o avanço da consciência..." ( "O Ser e Serenidade", Edicel, S. Paulo, 1966, p. 71 ). Tais sábios confundem ou identificam sabedoria com "sofomania"; sofômano é o que crê ou julga saber o que ignora... O sofômano é geralmente dominado pelo orgulho pungente do descrente; vive acorrentado ao enorme poder dos seus hábitos intelectuais, que são hábitos esclerosados, cadaverosos, de dureza granítica. Sua "ciência" não toca os tecidos profundos, as profundezas vivas do real; sua alma é dura, seca e cruel, jamais polvilhada de intencionalidades sublimes. Não são espíritos que "pairam soltos pelos caminhos do pensamento e da pesquisa"; não são puros investigadores da ciência, do bem e da moral. Não são --- como os escritores cristãos --- atraídos, absorvidos e consumidos como falenas inquietas pela chama pura da criação espiritual.

Todo escritor profano, não-cristão, é galvanizado pela preocupação constante, pelo anseio perpétuo e absorvente de "convenecer e dominar os outros pela ação hábil e pela palavra fonte." É o que diz MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS, acrescentando: "Todo pequeno príncipe quer ser um monarca, e todo ser humano tem sempre um sonho de grandeza." E ainda: "Todo ser humano alimenta sonhos de grandeza, de vitória, de domínio, e o anseio pelo prestígio social está sempre presente em todas as suas ações." Negar a forte aspiração ao poder, "seria negar uma realidade psicológica humana, da qual nenhum ser, nem mesmo o mais virtuoso homem do mundo, está isento, embora possa vencê-lo, dominá-lo e não sofrer a sua determinação fatal."

Vale dizer, em significativa e substanciosa declaração: "o campo potencial de um ente físico ( e psicológico ) tende até os limites do universo"; é ilimitado em seu ímpeto afirmativo, ímpeto

fundamental ser, traduzido na lei da conservação e na lei da expansão, segundo a qual o ser é difusivo, não estaciona espontaneamente, sendo certo ainda que nenhum ser estaciona, porque ou progride ou retrograda...

O afã de glória, áspero e imperioso, insinua-se ou move-se nas profundezas submarinas da psique de todo escritor não-cristão. Não escreve com a "santa indiferença" de que falava SAO FRANCISCO DE SALLES: medusa-o o fulgor do brilho momentâneo, do triunfo instável e passageiro. Este anseio pelo êxito a todo preço tem sido objeto de estudo da psicologia em profundidade. Assim: "Todo ser humano quer ser mais do que é." Postulado dinâmico que se observa ou que se manifesta no campo imenso, cinemático, da Psicologia Social. "NIETZCHE sentiu com agudeza êsse mehrwollen, êsse querer mais e melhor, que êle encontrou sinais em tôdas as coisas cósmicas, essa vontade de potência ( Wille zur Macht ), que, no homem, se manifesta em vontade de poder, de domínio, de superação, de perfectibilidade, de prestígio sobre os outros." Esta nótula elucidativa é do ensaísta MARIO FERREIRA DOS SANTOS, que ajunta: Esta é a avidez indisfarçada, a busca ostensiva, o insaciável apetite de glória, de prestígio pessoal e social, obtido a todo o custo e sob qualquer meio ou condição, ainda mesmo que desta luta resulte o esmagamento do bem e o consequente triunfo do mal. O cartazismo moderno é um sinal evidente dêsse apetite de prestígio humano, dêsse ímpeto de perfectibilidade humana e social. "O cartazismo moderno, que tanto é anelado por muitos, é um sinal da nossa época. Não importa que a glória seja rápida, mas quem pode negar o prestígio, embora momentâneo, do fogo de artifício no instante supremo de sua atualização? Quantos, dominados pelo anseio do cartazismo, caem nas realizações mais mediocres, mas que lhes abrem as portas para a glória passageira, e a possibilidade de viverem o fastígio, embora momentâneo, do prestígio social? Ser herói de um dia, de uma tarde, de uma hora, de um instante já satisfaz a muitos."

O escritor cristão, embora humilde, aspira à perfeição de sua arte. Nasceu artista e por isso sabe cultivar a paixão ~~artística~~



intelectual de sua alma. Esta paixão é sem cegueira, visto que lhe não tolda o entendimento, e até dá calor e cor à observação oportuna". É "uma sensibilidade aberta a todas as vozes da época"; a disciplina do estudioso perene movimenta-lhe a potência animica de artista da palavra. Escreve com elegância sem prejuízo da exatidão, escreve com fervor sem quebrar a objetividade. Possui um método: "Um método ao serviço de uma paixão". Um método que o torna sagazmente realista e que o não leva a sacrificar a boa inteligência dos fatos.

Essa ânsia de perfeição é humana. O espírito humano possui, virtualmente, o esquema eidético da perfeição. Vemos isso, nitidamente expresso, no mundo-verdade de PLATÃO, ou mundo das formas. Escreve MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS: "A formalidade perfeita não a temos atualmente, mas virtualmente." --- "As perfeições formais são possuídas por nós virtualmente." "Sabemos o que é a sabedoria em sua perfeição formal; não, porém, como ela é. Temo-la de modo quo e não de modo quod. Nossos esquemas referem-se intencionalmente a essa perfeição, sem que a tenhamos atualmente."

## II

Escreve URBANO DUARTE, insigne humanista português, em sua reflexiva e sazoadada prosa de arte:

"Neste mundo sem alma", com poderes e conhecimentos ilimitados sobre a matéria, deparamos com uma espécie de desagregação dos fundamentos necessários à vida, e diante delqual o escritor será um transfuga, se não for um servil da verdade e da beleza, eselarecendo, fixando, orientando. Um MOISES dos nossos dias, com a obrigação de gritar aos faraós e de abrir caminho através do deserto. Com isto, não queremos inculcar que o escritor tenha o dever de armar-se em conselheiro de máximas salutares. Não. Cada um faça render o dom que recebeu ( do Senhor ). Talvez um dos males seja a pregação dirigida aos outros; talvez precisemos mais de verdadeiros poetas do que de pensadores edificantes." ( URBANO DUARTE, prefácio de "Noturnos", de DANIEL ROPS ).



Firma-se aqui e reluz, namintensidade de uma prosa culta, brilhante e seivosa, a verdade segundo a qual o alimento espiritual de que mais temos necessidade é o alimento poético. Sem dúvida, os poetas são a gente de que mais hemos mister: "De gente que nos eduque a ver a beleza simples da luz ou o esplendor da rosa... O escritor, quando possuido pela arte, é das maiores riquezas da civilização. E se o amor de Deus o marcou, então os seus recursos aproveitam-se de apoios de inestimável valor." ( URBANO DUARTE, loc. cit. ).

Mostrar, pintar a beleza, mas, como dissemos, com humildade cristã, tangido pela esperança cristã, pelo amor a Deus --- eis a missão do escritor. Viver e escrever com esperança, porque "nenhum religioso pode desejar a morte"; determina a ética religiosa que todo homem "viva a vida e cumpria aqui o seu dever".

Ser humilde é, sob certo aspecto, não se deixar dominar pela ânsia de poder, pelo afã de prestígio e de poder. "Todo ser humano, num setor ou noutro, busca impor-se axiológicamente ( valorativamente ) aos seus semelhantes. Esse ímpeto de poderio, de domínio, é uma verdade psicológica que ninguém pode negar. Demonstramos a psicologia moderna, que a sua intensidade varia segundo o temperamento, e segundo as condições de cada individuo." ( MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS ). Em outros termos: ninguém pode negar a substancialidade psicológica desse ímpeto de domínio, desse apetite de poderio, desse apetite de kratos de uns sobre os outros; trata-se, evidentemente, de "uma evidência ético-social e histórica", além de ser um fator de origem psicológica.

Mas esse impulso de domínio, de poderio deve estar ausente na personalidade do escritor cristão. Esta humildade é fundamental para a expressão e para a vida do artista regido pelas verdades do cristianismo. Modelo inimitável de escritor cristão ( no caso, de escritor católico ) é DANIEL ROPS, membro da Academia Francesa, escritor de fecundidade original e que, segundo o belo estudo que lhe gisou URBANO DUARTE, ostenta as seguintes e brilhantes qualidades: "Embora se afirme e transpareça em tudo o que escreve, nunca põe a sua pessoa à frente: é um encanto de simplicidade; mas a sua ousadia

não recua diante de nada, desde que se trate de transmitir o que julga ser a verdade. É um espírito intacto, cuja força se oculta no reconhecimento da própria fraqueza, e em quem a fé ascendeu à espontaneidade da respiração."

ANDRÉ GIDE, em seu Journal, insere página na qual confere extraordinário realce à humildade intelectual. É página de tocante confissão ou confidência em que "GIDE entrevê a tentação satânica que se insinua em sua arte; adivinha que uma certa forma de êxito humano, de alegria, de equilíbrio, é o reverso do endurecimento final." Escreve ele, fazendo vivida descrição da humildade e também da perturbação que a tentação da glória, <sup>a</sup> em vertigem do aplauso ~~comu-~~ mado e efêmero podem lançar ou derramar nas criptas interiores do escritor: "Meu Deus, permiti que eu não seja daqueles que fazem figura no mundo. Permiti que eu não seja daqueles que vencem. Fazei com que eu não me conte entre os felizes, os satisfeitos, os bem nutridos; entre os que são aplaudidos, aqueles aos quais se felicita e que provocam invejas." (apud CHARLES MOELLER, "Literatura do Século XX e Cristianismo", vol. I, trad. bras. de Augusto Sousa, Ed. Flamboyant, S. Paulo, 1958, p. 137 ).

Vemos, igualmente, num personagem dramático de MALEGUE, assediado ou espreitado pelo perigo do hiperintelectualismo, a tendência para "quebrar o idolo da ciência", para, com humildade, "aceitar, à voz de Deus, sem atrativo aparente", a renúncia ao brilho enganador e falso do sucesso exterior. Colocado numa encruzilhada existencial, numa encruzilhada de opções que se poderia designar como patética, sente-se puxado ou impulsionado para o abandono das brilhantes e frívolas exterioridades do mundo, para o desprezo do fascínio perigoso que exerce a glória humana sempre frágil e passageira; ou --- como o personagem mesmo o diz e confessa --- aceita "deixar-se pregar na cruz e renunciar à sua brilhante carreira humana." (apud CHARLES MOELLER, op. cit., vol. II, p. 224 ).

De notar-se que o personagem maléguiano, cujo ser outrora crispava-se na ansiosa avidez de conhecimentos, na obsessiva busca de cultura, modifica-se lentamente, e, segundo foi sutilmente

Humildade — <sup>ou mais</sup> humildade <sup>contra</sup>

o princípio psicológico da desonra,  
<sup>placando</sup> Atos demonstrados no vida moral.

A humildade não é uma  
~~do~~ das virtudes chamadas  
deprimidas; estas estão de al-  
to no deprimidas ou não são  
virtudes, e ~~as~~ se tornam preci-  
osamente virtudes ou não são  
fortalecem."

(A. Aguiar, <sup>nota é</sup> ps. 186

---







## Wilson Martins:

"Há livros que sobrevivem porque são distintos;  
outros, porque são distintos <sup>outros</sup> literários." ~~ele~~ <sup>os</sup>  
parte, pensante Van Wyck Brooks: "por que os  
clássicos Gregos e Romanos não duram por mais  
de dois mil anos? Uma é um clássico, a fim de se  
contar, seria mais prova de existência presente,  
no livro, de que o respeito — de dentro  
da mente humana em revelar e transmitir  
grandes períodos de tempo e constituir uma  
parte nítida total diferente de mais e de  
menos? Há um livro e o leitor só pode  
ser a presença, em o ser, de algo que é  
constante e também permanente" (p. 136+137).  
"Não é um manuscrito" mas não é a  
"verdade" <sup>a verdade ou</sup> a afirmação de um livro o mais  
tem posição e relação de um ou mais  
verdade. É falso <sup>esse</sup> ~~o~~ <sup>de</sup> ~~as~~ <sup>de</sup> ~~relações~~ <sup>de</sup> ~~da~~



(6) e entões coíre dous main

que vos gociis; e b-on n-ó bi m-ónis

solitius, b-on ~~o~~ too p-mento e' p-ns o  
habie a p-ns", com um v-ge oclm ~~o~~ <sup>dirigim</sup>

p-ns o f-turo, onde o i-ndicta, o p-ogni-  
tia, e o v-ics p-ocup-ç-ões m-nd, os  
scit-õs n-ó r-feridos com f-los de  
unde b- <sup>caue.</sup> ~~o~~ b-on n-ó c-ritics dize

que h-ncis n-ó p-nd lid- em outra g-  
n-ç-õ, p-og-nt-õ, m- b-on ~~o~~ <sup>da v-ns</sup>

~~o~~ é p-oc p-nd lid-? — e i-ns em  
p-nt- p-oc-õ os c-ritics jog-õ os

t-ct-õs p-nta a f-ns, p-oc-õ o  
m-nt-õs os p-ncip-õs n-ó b-nc-nt-õ. U-  
o v-ns J-nd-õs J-ns o t-nc-õs f-ns

com um r-pt-õ oclm, p-oc-õ p-nt-õ

b-ns b-ns d-ct-õs em c-nt-õs oclm?

(7)



171 opostos? E não vias

Engue O'heide entendido um ou dois

cientos, e poucas mexam-se criticamente  
em o-ize anos? Vias por isto o caso de

Robinson ~~Yfford~~? Vias por Edua Willooy

ignorado por uma dúzia de anos outros  
de poesia? Vias por ser não tantos livros

meigos com "proteção"? Se ~~melhor~~ <sup>dos</sup>  
revidados por se produziam por uma década,

retardando com um consenso após a  
crítica, pois sempre continua a pregar

o bom Trabalho ou pensa ter feito, não  
com respeito o melhor dos escritores ou  
esteja por se mal. (...) Isto é um

con-ato ou concorre a todos os  
revidados, pois os seus mais oprimidos  
de uons los se descomunicam com o resto,  
181

18/ nota, b-e de este geniu  
 pentru ei mda. ~~de pe pe pe pe pe~~  
 (convenim ca o-nu geniu la  
 a ducii de fructe cuor). "Hi po-er spirit-  
 uile in unu cuo uluian priu a rpe-  
 neuss de u-s fons ducubus, b-e foi  
 o-pu consideru o rati-oa legitiu  
 de scriitor. Poia joguor fons unu  
 no-eru cu u- ratiu lui e- Juciu.  
 Woodberry in 1881,

não-escrito  
 Com fronteira Woodberry em 1881,  
 havia um a literatura não tem tradição  
 de continuidade; ou seja a todos os, ex-  
 tingu-se. As literaturas foram distorci-  
 das a ~~vasta~~ vista" (Vau ~~de~~ Wyck  
Brooks, "Problems of Literature, Anti-po-  
 nics", trad. por de John Gross y L. G.  
 de J. Gross, Rio, 1966, pp. 36-37).



1101  
(5)

pression e tensão ou  
foram as "colquidões de escritores" ou  
lugar-comum em toda a parte... depois  
a vida, aparentemente exposta a ~~adversidade~~  
~~adversidade~~ <sup>variação</sup> dos escritores, talvez  
~~uma linha~~ <sup>uma linha</sup> ~~com~~ <sup>com</sup> ~~mais~~ <sup>mais</sup> ~~contribuição~~ <sup>contribuição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup>,  
talvez, por destruição o próprio talento.  
"O talento destruído pelo próprio escritor", é a  
vida por ~~destruição~~ <sup>destruição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup> ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup>,  
uma ~~linha~~ <sup>linha</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~destruição~~ <sup>destruição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup> ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup>,  
talvez ~~destruído~~ <sup>destruído</sup> ~~por~~ <sup>por</sup> ~~destruição~~ <sup>destruição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup> ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup>,  
da literatura de arte. ~~talvez~~ <sup>talvez</sup> ~~destruído~~ <sup>destruído</sup> ~~por~~ <sup>por</sup> ~~destruição~~ <sup>destruição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup> ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup>,  
ou seja ~~destruído~~ <sup>destruído</sup> ~~por~~ <sup>por</sup> ~~destruição~~ <sup>destruição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup> ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup>,  
usando de um personagem ~~destruído~~ <sup>destruído</sup> ~~por~~ <sup>por</sup> ~~destruição~~ <sup>destruição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup> ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup>,  
de livros de Kilimanjaro; diz ~~destruído~~ <sup>destruído</sup> ~~por~~ <sup>por</sup> ~~destruição~~ <sup>destruição</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup> ~~ou~~ <sup>ou</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~outros~~ <sup>outros</sup> ~~talento~~ <sup>talento</sup>,  
de livros, referindo-se ao jovem escritor:  
"ele mesmo destruído pelo próprio talento. (...)"  
destruído pelo talento por, via própria, por,  
talvez a si mesmo e a seus livros,

(5) (11)



~~111~~  
~~6~~

circusa, por bates tanto

a posto de e-butes a lamine e o-m

pricipais, por preguiss, por indubiais e

por scudinos, por oqueb e por precom

ceito, por isto e por aquilo. G-ls dleto,

oim, mas os iuris e mris comendigos-o

(Van Wyck Brooks, op. cit., p. 56).

~~112~~

Robert L. R. Dettmer

[illegible]

jointement avec ses épous. ~~Leurs~~ Judo secrets,  
s'interprète, identifié avec un problème de son période latente;  
l'épous <sup>sepe au via représentation de épous en</sup> l'interprète par lui-même  
comme il les sepe au via représentation de épous en  
que nous, sepe au via représentation de épous en  
autres sepe au via représentation de épous en

[illegible]

151 e apó-gens, e-tran-  
com in-tel-ctos estrangeiros ou não in-tel-ctos,  
ad-ctos, mas não são e nem al-guns ou  
n-ctos, ou ou-ctos n-ctos n-ctos, ~~ad-ctos~~  
ber-lip-ctos por ex-ctos-la di-ctos-te;  
ou ex-ctos, ou-ctos ou-ctos ou-ctos de  
apó-gens, ou-ctos ou-ctos ou-ctos ou-ctos  
a de e ou-ctos ou-ctos ou-ctos ou-ctos  
ou ou-ctos ou-ctos ( "ou-ctos e ou-ctos,  
ou-ctos ou-ctos", ps. 90/.

[illegible]

adivinhado na trama do romance, percebeu claramente, sentiu distintamente que "a ciência foi talvez a tentação mais séria da sua vida"; contudo, "êle não hesitou em sacrificá-la a Deus a fim de salvar o essencial, a sua fé." Formalmente, esta situação-limite é descrita com palavras escolhidas e espirituais, um critico apresenta-a com tocante expressividade; MALEGUE o faz, criadoramente, desta forma: "Um perigo mortal para o corpo, os homens cortam todos os laços, desmantelam vida e carreira, vêm para aqui ( para o sanatório ) dois, três anos. Tudo, dizem êles, menos a morte. Não se conserva Deus por um preço menor. O equivalente numa grave crise de alma era lançar tudo na batalha, abandonar a Escola, se fôsse preciso, haurir junto dos grandes especialistas católicos a sua técnica e a sua fé. Não se pode ser mesquinho, oportunista ou leviano, quando se trata de Deus" ( apud CHARLES MOELLER, op. cit., p. 225 ).

Desta guisa, vence a fé "a tentação que representa a vida intelectual"; o ser, "enviscado na facticidade", preserva seu destino eterno ao atender o apêlo divino, ao acalantar a esperança cristã da humildade. O apêlo de Deus é ouvido no fundo da consciência: "Para certas almas, a rejeição do apêlo ( divino ) equivale à entrada do drama em suas vidas." "A inteligência, privada das ligações vivificantes com o mundo sobrenatural, começará a girar sobre si mesma", como uma turbina vertiginosa, como uma virola alucinada, estéril, inútil e sem sentido, tal como um astro em sua interminável rotação pelo espaço celeste.

"Sacrificar o idolo da ciência para seguir apenas Deus" --- eis o exemplo mais puro de humildade, o passo que é possível a um intelectual dar neste "lamentável planêta", a herança mais significativa que êle poderá legar aos pósteros, mesmo a tôdas as posteridades sensitivas e pensantes que lhe tentarem imitar o gesto após seu desaparecimento... Este brilhante entardecer do escritor que tudo renuncia para mergulhar no seio de Deus e da humildade mais probabismar funda poderá, talvez, ~~abismar~~ o observador em espanto; terá, sem dúvida, perdido o brilho transitório das gloriolas humanas, mas ninguém poderá dizer que não encontrou a paz, a paz perfeita dos que



vivem as verdades de CRISTO.

### III

O escritor cristão --- que despe dignamente a túnica de arrogância e superbia do escritor vulgar, profano --- encontra na humildade o seu verdadeiro alimento espiritual. Liga-se, irrevogavelmente, a essa sublime virtude do cristianismo como por uma placenta imaterial; sabe que tudo é fumo, tudo é ruído ôco e vão, tudo é desprezível, salvo o amor de Deus. Não postula nem ambiciona renome ou glória alguma na cidade terrestre, na cidade temporal; tem sempre presentes ao espírito, frementes de sabedoria e de imaculada clarividência, as palavras do salmista: "Tempo virá em que nossos nomes serão esquecidos e ninguém se lembrará de nossas obras."

Fixemos bem aqui o que neste tema é indubitável; seja-nos permitido frisar o que há de fatuidade, de vazia futilidade no atormentado sonho de perpetuação de nossos nomes e de nossas obras na volúvel memória dos homens. A ânsia neurótica, a avidez doentia e torturosa pela conquista de uma glória vã e passageira, a incomprezel estima que se dedica à publicidade nos tempos que correm --- tais são os anelos supremos, o alvo insensatamente procurado pela maioria dos artistas de alma pesada e opaca. "As páginas mais santas de um escritor genuíno e verdadeiro são escritas e conservadas no silêncio e na solidão, no prolongado recolhimento; raramente são divulgadas ou espalhadas pelo mundo, ou, pelo menos, não foi essa a intenção ou o objetivo fundamental do escritor quando elaborou-as ou construiu-as em trabalho longo, sincero e paciente de sua mente e de seu coração.

As páginas de arte, da arte brilhante e pura, condensando estudos altamente valiosos, finos e delicados, são uma expressão apenas da individualidade preciosa do artista. Na verdade podem ser apenas e nada mais que isso, não tendo, necessariamente, que serem disseminadas pelos quatro cantos do mundo exterior. A publicação da obra, o lançamento desta à inconfidência da publicidade, tal é o

brilhante e róseo pesadelo dos escritores ávidos e famintos de projeção pessoal, de glória e adoração pública. Todavia, o escritor autenticamente cristão, como vimos, despreza esse aspecto desvendado e cru da ambição literária, preferindo viver na sombra do anonimato, tão-somente não podendo deixar de dar viva e muita vez --- por que não dizê-lo? --- divina expressão à sua personalidade artística.

Divisa interior, mesmo meta sublime da espiritualidade do escritor cristão, colhida em inestimável ensaio critico-literário de DANIEL ROPS: "Prefere ser desconhecido e tomado por coisa nenhuma."

Esta é "a impossível humildade" para o escritor comum, para o escritor mundano, medusado pela ânsia de glória e renome, cujo repertório de atos artísticos visa apenas a colheita de um fim supremo: a glória rápida, a reputação e a admiração velozmente conquistadas. Escritor é este vaidoso, petulante, sequioso de louvores, faminto de aplausos e elogios, infinitamente desejoso de consagração pública. Para o escritor mediocre e sem imaginação, atormentado pela vaidade, perseguido pelo fantasma da fama fácil e rápida a humildade se afigura um crime: o apagamento de si mesmo, voluntário e espontâneo, ou o espectro da humildade chã desenha-se para ele como sendo convulsa e repelente, digno de aversão e horror. Não compreende, de forma alguma, a existência do escritor humilde, do escritor que prefere permanecer desconhecido do grande público; porque o que ele mais almeja neste mundo, o que ele mais procura nesta terra é escutar, à volta do seu nome, são as trombetas do êxito, os clarins do triunfo.

Subir aos galarins da fama, figurar nas galerias do triunfo --- eis tudo o que em essência aspira o escritor mediocre. "Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade!" Vanitas vanitatum.

Escrevendo, com traço justo e sóbrio, sobre o perfil psicológico, sobre a silhueta espiritual do "escritor humilde", DANIEL ROPS esculpe estas importantes considerações gerais:

"Não há um único cristão que não avalie a verdade absoluta deste preceito ( "ser desconhecido e tomado por coisa nenhuma" ); que é impossível qualquer imitação de CRISTO sem esse primeiro esforço de humildade total para desprezar as falsas aparências do mundo

mundo, a máscara que usamos ao pé dos outros, as ilusões onde nos abrigamos." ( DANIEL ROPS, "Noturnos", trad. port., Ed. Artes, Lisboa, s/data, p. 181 ).

Ai temos régia máxima da conduta cristã, áureo princípio do puro viver em CRISTO; postulado exigido por FRA ANGELICO aos que desejavam pintar o rosto de CRISTO sem viver em CRISTO. Postulado, ainda, --- bem triste é verificá-lo! --- "bate no rosto" da maioria dos escritores e homens de letras, profundamente anelosos de aparecer, de trepar nos degraus da fama e de nunca se esconder, levando um teor de vida absolutamente contrário ao mandamento que nos obriga a sermos humildes de coração e de espírito. Com o que aproximam-se estes escritores dos espíritos brancos, opacos, pesados, incapazes de compreender, ou melhor, que não são dotados de mente suficiente para entender o sentido das soberanas verdades cristãs, para captar a luz do sol das luminosas certezas da religião.

A missão do escritor em nosso agitado mundo, em nossa civilização ocidental chamada cristã, é sem dúvida das mais sérias, graves e responsáveis. É acerca dessa responsabilidade essencial, marcadamente social e humana que se refere DANIEL ROPS, quando escreveu estas palavras de aguda apreciação geral da atividade do escritor, ~~apreciação~~ de grande valia e ressonância sobretudo numa civilização como a nossa, em que, como diz PAPINI, "os cristãos não são cristãos":

"Tem-se escrito mil artigos e numerosos livros sobre a responsabilidade do escritor em relação aos outros, sobre a utilização que faz do mal, das suas prestigiosas aparências, mais ou menos tudo literatura de imaginação. Tem-se perguntado até que ponto é legítima a descrição de paixões exigidas pela verdade artística..." No caso particular do escritor de ficção, ou mais propriamente, dito, na hipótese do romancista ou novelista, a pergunta é feita para se aquilatar "se o testemunho do romancista realista ( acrescenta-se o teatrólogo realista ) não é o escabelo onde Deus pousa os pés, se o pecado não pertence mais à misericórdia que o absolve do que às cumplididades do coração que dêle se orgulha." ( op. cit., p.182 ).

Obras inteiras foram escritas para situar estas questões capitais, para demonstrar a responsabilidade moral e intelectual do escritor no mundo moderno, para dissipar as incertezas e as confusões que pairam sobre a exata e ponderada compreensão dessa missão de escrever que, para muitos, deve ser elevada à pureza e à beleza de um apostolado sem par, de um culminante sacerdócio. Cabe ao escritor, nesta linha de pensamento, nesta ordem de idéias, ser um livre evangelista da palavra, um levitado belo e do bem, sendo imensa e indisfarçável a sua responsabilidade humana e social, isto é, a responsabilidade que deve assumir em face de sua própria consciência e também em relação aos demais. Esta exigência está contida, de modo virtual, na interrogação que formula DANIEL ROPS:

"Mas não haverá também uma responsabilidade do escritor em relação a si próprio e em relação às exigências fundamentais da alma cristã, independente de toda intenção literária, uma responsabilidade da qual não tem consciência a não ser através de uma rede de contradições inexplicáveis?" ( op. e loc. cit. ).

Isto que aí ficou vividamente expresso ou gravado --- "as exigências fundamentais da alma cristã" --- traduz e espelha de modo fidedigno, sem disfarces nem rodeios, a grande responsabilidade do escritor diante da consciência dos outros, em face dos quais deve abster-se de pregar ou até de insinuar o mal, visto que possui a obrigação essencial de não desfigurar ou deturpar a verdade, de não transmitir mensagens perigosas ou errôneas, de não distorcer nenhuma verdade ou beleza da vida, de não cultivar a fealdade em qualquer de seus aspectos ou modalidades, de não pintar o mal com cores atraentes, perversas ou falsas, de não inclinar ou predispor os espíritos para o vício, a torpeza e o pecado, de não idealizar nem atenuar as terríveis e funestas consequências das más ideologias, das ruins doutrinas e filosofias. Sendo assim diretamente responsável perante a consciência alheia e, sobretudo, sendo irredutivelmente cristão, em sua emoção e em seu pensamento, não tem o escritor o direito de exibir uma formação ética ou moral escandalosamente defeituosa ou deformada, não pode publicamente pregar ou tentar



propagar o mal, apresentando o triste espetáculo que é o do indivíduo devastado ou arrasado pela paresia dos centros morais, pela angustiosa da consciência ética, pela diátese da ética, pela necrose da moralidade.

A vaidade. Por outro lado, e entrando já em outra ordem de considerações, a vaidade é frequentemente uma fraqueza que todo escritor deve combater e hostilizar com denodo e energia. Fraqueza ou debilidade insidiosa, deformadora em todos os tempos, modos e lugares, a vaidade é um sentimento ou afeto temível da alma e que empolga, transtornando ou desorientando, toda a personalidade do homem de letras. A vaidade afeta todas as fundações, todas as edificações do espírito humano. Desorienta e perverte, tiraniza e cativa, sendo necessário hostilizá-la com vigor, sufocar com tenacidade essa emoção invasora e dissolutora.

A vaidade --- estamos certos --- invade, devasta, tiraniza em toda "a comédia dos ofícios e profissões"; ela rói os pilares interiores da individualidade, desfigura o cultor de qualquer arte ou profissão. "Não há profissão alguma --- acentua DANEIL ROPS, e acentua muito bem, mormente no caso especial da literatura --- "não há profissão alguma, que, mais do que a literatura, possa pôr em evidência a vaidade e o amor próprio. A "criação" duma obra --- que já de si é, sem dúvida, uma ilusão, visto que o escritor não é, para falar com propriedade, um criador --- reclama de nós qualquer coisa tão vital, tão essencial, que a realização enche o ser duma felicidade única, que parece situar-se acima do humano. "Macaco de Deus", o escritor, na medida em que o livro acabado corresponde à sua expectativa, participa de um orgulho demiúrgico ou, se quisermos, luciferino" ( op. e loc. cit. ).

Sábias palavras. Palavras penetrantes, prudentíssimas e notáveis, encerrando conceitos dignos de serem cuidadosamente conservados, zelosamente guardados na memória de todo artista ávido de êxitos e triunfos em sua breve trajetória do útero à sepultura.

Não padece dúvida que a humildade geralmente deserta ou abandona a consciência do escritor maduro, do escritor seguro de si,

consciente de seu método, de sua técnica brilhante de pensar e de escrever; o artista criador, o "macaco met Deus", o "macaco metafísico" trabalha embebido de orgulho intelectual, repleto de orgulho satânico, demoníaco, totalmente esquecido de que a segurança, o soberano império que exerce sobre si mesmo, sobre sua obra e sobre os demais pertencem a Deus, único criador de todas as coisas, criador inclusive do próprio escritor e artista. Assim, é o orgulho luciferino do espírito, o terrível orgulho da razão limpa e luminosa, o orgulho da inteligência clara e bela que conduz o escritor à ilusão sobrehumana de que é realmente um deus, ou semi-deus, possuidor legítimo de dons, virtudes, propriedades miraculosas, faculdades mágicas, poderes sobrenaturais, que deslumbram, espantam, fascinam a todos os espectadores. Essa "felicidade única", essa inefabilidade incomparável, íntima e profunda, que faz todo artista vibrar tão intensamente, esse "orgulho demiúrgico" que o hipnotiza e tiraniza, essa diabólica tensão interior que o impele a julgar-se uma divindade caída na terra, não passa de uma horrível blasfêmia, ou repugnante pecado de orgulho, pecado que ofende pessoal e mortalmente a Deus e que, pela sua extensão e gravidade, exige castigo, para merecer severa punição. Punição ou castigo que, como sabemos, caiu, entre outros artistas e pensadores, de modo aterrador e impressionante, sobre a cabeça torturada de NIETZSCHE, abismando-a para sempre nas sombras espessas, na escuridão convulsa da loucura, nas desesperadas trevas, na completa dissolução mental da demência.

Mas que mais sucede ao literato realizado, ao escritor hábil, quando, na profundidade de sua alma, se ergue e se move a cabeça horrenda da vaidade e do amor próprio? Como já vimos mais acima, crê-se magnífico dono da verdade, optimum portador ou mensageiro da certeza; acredita-se capaz de discorrer sobre tudo em termos suficientes e absolutos, em termos claros, definitivos e perfeitos; mergulha no reinado imperioso e petulante do "noli me tangere" ( "não queiras me tocar" ). É o pedantismo em pessoa, o pobre e frágil "caniço pensante" de PASCAL que tenta presidir o destino; é o inseto cerebral crendo-se um ser predestinado a resolver todos os problemas

da vida e da morte. Não há maior flagelo intelectual do que o pedantismo, do que os que decidem e resolvem tudo com ênfase intolerável, com palavras sábias e irrevogáveis; esse é um mal nauseabundo e que vitima, sobretudo e principalmente, os artistas moços, verificação melancólica que nos evoca, de passagem, as ponderosas advertências de MACHADO DE ASSIS, o qual, já em 1879, nos legava esta preciosa mensagem de velha mas cintilante sabedoria, brotada de sua imensa experiência e de sua grande maturidade de espírito, dignas sem dúvida do que é considerado o maior prosador da língua portuguesa:

"Devem ( os escritores da geração moça ) acautelar-se de um mal: o pedantismo. Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação científica e literária, não tem outra preocupação mais do que mostrar às outras gentes que há uma porção de coisas que estas ignoram; e daí vem que os nomes ainda frescos na memória, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente" ( MACHADO DE ASSIS, "Revista Brasileira", 1879, ) e "Crítica Literária", ed. Jackson, 1955, ps. 242-243 ).

#### IV

O pedantismo, a absoluta falta de humildade intelectual dos escritores --- ai temos um dos maiores males que afligem todas as literaturas. O pedantismo é o óvulo do qual sai, do qual brota ou irrompe essa figura árida, estéril e ridícula que é o "littérateur" irresponsável, o literato de olho miope, de olho frontal como Polifemo, olho provavelmente cego e sem profundidade, cuja objetividade é cegueira, olho que decerto vê tanto quanto pode ver o grande olho opaco do gafanhoto verde.

Dizer que alguém fez um exame demasiado intelectual de um

assunto é o mesmo ou corresponde exatamente a dizer que fez um exame superficial ou sem profundidade. É a falsa "objetividade" que marca e malsina a obra de todos os intelectuais. "Cometem erros de pasmar", cometem erros acidentais, substanciais e até sistemáticos, como realça o ensaísta MARIO FERREIRA DOS SANTOS, que ainda esclarece: "o literato sistemático" --- eis o mal, eis "o homem que se extasiou na realização das pequeninas e medíocres coisas, desde que surjam com a auréola da falsa originalidade. É o intelectual da nossa época, que quase nada realiza, e se julga um superador de tudo quanto o passado fez de maior. Não há nada de mais prejudicial na história do pensamento humano do que a sanha do literato sistemático. Com a sua audácia inaudita, quase sempre dominou os postos publicitários, e foi juiz das obras humanas, porque consegue, com astúcia e manha, galgar as posições que um homem de real valor não iria disputar. E depois perseguem os Dantes, os Cervantes, os Camões, os Bach, os Beethoven, os Mozarts, enfim todos os valores realmente grandes para proclamarem apenas o valor das mediocridades irmãs." ( MARIO FERREIRA DOS SANTOS, "Filosofias da Afirmação e da Negação", 2a. ed., Ed. Logos, S.Paulo, 1965, p. 202 ).

Que é que mais aspira, que é que deseja com mais veemência, com mais ardor áspero e cru o literato superficial e frívolo? Diz-nos o publicista acima citado, em sua admirável análise:

O literato sistemático quer "ver o seu nome nos jornais, deitar entrevistas, escrever crônicas, artigos, vê-los publicados, gozar, assim, a imortalidade de algumas horas, de alguns dias, que é a que oferecem tais meios. O trabalho sério, silencioso, anônimo, e sobretudo independente, afastado dos âmbitos dos intelectuais sistemáticos, foi sempre para ele uma tortura. Nunca teve a coragem de enfrentar sozinho e realizar o que tinha <sup>de</sup> a fazer com suas próprias mãos, sem mendigar aplausos. Temia perder tempo e não conquistar uma posição que ele julga invejável. Hoje seu nome aparece em suplemento literários, e é citado pelos amigos. Julga-se já definitivamente célebre, e acha que já conquistou um pedestal na história. Como... se a notoriedade alcançada entre os grupelhos de literatos sistemáticos



assegurasse a celebridade entre os leitores, e uma posição já ganha na literatura. Tudo isso se esfarela com o tempo." Os elogios, "se não são esquecidos, são considerados apenas favores ou troça de favores, e o que fica realmente, se há, é a obra." Todos os literatos sistemáticos, que não deixam atrás de si nenhuma obra realmente valiosa, fracassam. "Adoravam o sucesso fácil, o renome passageiro, a tempestade de verão. Adquiriram todos os vícios mentais das rodas literárias que frequentavam, inclusive esse nihilismo moderno, que tudo termina por deverar." ( MARIO FERREIRA DOS SANTOS, op. cit., p. 203 ).

Sem dúvida, o carcoma, o mioma afetivo e emocional da vaidade e do amor próprio --- inefável, afagado, lisongeadado pela perene sensação de triunfo plateal --- produz na psique do escritor uma sequência de males consideráveis e arrasadores. A respeito destas fraturas e erosões internas, abertas na subjetividade do artista, pelo vaidoso e olímpico sentimento de auto-suficiência, alude DANIEL ROPS:

"É então que as piores tentações o assaltam: mostrar aos outros este resultado de que tanto se orgulha. É então que o orgulho do "criador" se compraz nas pequenas satisfações da publicidade e da glória. Há nisso um complexo ao qual nenhum escritor, nem mesmo o mais fervoroso cristão, escapa. Aquilo a que se chama glória, mais não é do que uma acumulação desses barulhos de elogios, fumos de incenso, comentários mais ou menos falsos, consagrações oficiais, cujo peso se não pode suportar sem que a santa virtude da humildade sofra de um modo estranho." ( "Noturnos", cit., p. 182-183 ).

Estas belas e nobres expressões, nascidas do cérebro de um grande escritor contemporâneo, evidenciam de sobra que o "criador" literário, através dos regozijos perpétuos da modéstia cristã, através da exigência que imperiosamente dita a virtude cristã da humildade, deve apagar em si essa chama devoradora que se denomina Fama, dessa mesma Fama que um grande moralista, um moralista clássico definia, em ensinamento moderado e grave, como sendo "senão barulho óco, feito por um louco" ( EPICTETO, "Ditos Aureos" ).

Com esta tese concordam todos os que se dedicam à *litteratura*

elaboração obstinada e sistemática das questões de literatura cristã, todos indigitando como perigosa essa busca ansiosa de uma fama que é puro fumo, mera fumaça passageira, que nada representa para a nobreza humana, para a dignidade do homem mas que, não obstante, tanto seduz, tanto fascina e ensoberbece o pobre "logos spermatikos", a vil e miserável criatura humana.

"O que há de mais grave, nisto tudo" --- prossegue DANIEL ROPS, em sua serena demolição e crítica conscienciosa dos tristes fatos que ocorrem na cidade das letras --- "é que uma parte da nossa consciência empurra-nos legitimamente nêsse sentido ( no sentido de obter êxito literário ). O escritor cristão que, ao publicar, imagina servir uma causa sagrada, não está absolutamente em êrro; serve-a melhor quanto mais célebre fôr e quanto mais longe chegar a sua palavra. A humanidade é assim, que havemos de fazer?" ( ibidem, p.183).

Tal é, analisada sob certa perspectiva ou aspecto, a vantagem da notoriedade artistica, da celebridade literária: a de levar mais longe, propagar melhor a palavra de vida e de verdade, abrir a um grande número de leitores e espectadores o comentário elevado e preciso, espalhar, através do livro, as ressonâncias do belo, do bem e do verdadeiro. Mas preciso é, sempre, que, nas lições e ensinamentos destas páginas de luz e de superior inspiração, páginas em cuja textura "contamos os mais secretos passos de nossa alma no convívio com Deus", --- não façamos exatamente como "o fariseu ( hipócrita ) que o Evangelho diz que se punha no meio da rua para rezar", ou precisamente como "aquêlê outro que subia até aos primeiros lugares do Templo para agradecer ao Todo-Poderoso tê-lo feito um homem." Porque, em total e sã verdade, ainda mesmo na beleza e na pureza das mais nobres e inestimáveis páginas, mesmo nos tecidos profundos de um amor incomparável pela verdade, pode sutilmente irromper, borbulhar abjetamente, ou insinuar-se veladamente desejos hediondos de glória pessoal; em outras palavras, em tais páginas é possível que "vejamos aparecer a orelha do demônio do orgulho", orgulho que, teologicamente, é bem diverso do desespero, "o mais nobre dos pecados".

A missão fundamental do escritor cristão, fundada em ~~verdade~~

vocação irrevogável para difundir a verdade e o bem, é acima de tudo o mais criar obras e trabalhos que glorifiquem a Deus; sua finalidade seu escopo derradeiro deve cingir-se em estudar e trabalhar e escrever somente para servir a Deus. Isso tão-somente: "dedicar toda a sua obra à única coisa necessária."

Escrever um livro é empresa de suma responsabilidade. Há implicações profundas, próximas e remotas, na obra de um escritor. "Escrever um livro é uma forma de agir sobre a realidade" --- diz SERGIO KOKIS, e diz muito bem, com muito acerto e propriedade. Sobre tudo a obra de arte, que traz a marca da sobrevivência, que carrega o sinal da perenidade. "O que é verdadeiramente grande permite uma observação repetida" --- assinala o famoso aforismo de LONGINUS. Dai vindo o perigo se tal obra porventura encerra o mal, o estilo do demônio...

O escritor cristão jamais poderá usar a inteligência que Deus lhe deu, empregar o talento que recebeu das mãos do Criador para malfazer, para ofender, ferir, magoar, para corromper, desnaturar, embrutecer, envenenar, deformar, para sujar e desviar das retas condutas e dos caminhos claros o espírito de qualquer de seus leitores. Ou em termos cristãos, não tem o direito de escrever nada que possa envilecer qualquer de seus "irmãos". E-lhe vedado, por conseguinte, produzir qualquer trabalho indigno de literatura mais, disseminar elementos impuros de literatura insidiosa, maligna, perversa ou perversa. E, sobretudo, antes de mais nada, deve o escritor cristão ser humilde, integral e radicalmente humilde: "Ser humilde de coração até nas aparências em que a vaidade humana consagra o triunfo... Ser fraco e pequeno em face do Pai, sendo poderoso e célebre em face dos homens..." ( DANIEL ROPS ).

Mas --- será isto possível? Não será isto exigir do escritor uma "humildade impossível"?

"E preciso ser-se santo para resistir à corrente infundável da lisonja, da curiosidade, e ainda mais, da alegria que dá uma alma conquistada e que uma frase saída da nossa pena conseguiu car."



É necessário ter a frieza e insensibilidade do gelo, ou de uma pedra, para que alguém possa furtar-se aos deliciosos inebriamentos da lisonja. Afastar de si os turibulos da lisonja é ato enérgico, ato de heroísmo, sendo a natureza humana feita como é. Ordinariamente, os lisongeados deixam-se inebriar, quase desmaiam aos pés dos que votivamente os incensam. Repelir elogios é ato sobrehumano, digno apenas dos santos do deserto. Contudo, forçoso é ao escritor cristão resistir e até combater as blandiciosas tentações; por força tem ele o dever de afastar esse cálice de nectar deliciosamente venenoso, que suaviza os lábios, que turva os sentidos, tonteia e faz cambalear a imaginação ainda dos mais fortes e equilibrados.

É preciso não saborear o licor letal, o elixir fatal, doce e agradável, que insidiosamente penetra na sensibilidade, que termina por deformar a constituição moral, que acaba por degenerar as fibras mais delicadas e resistentes da moralidade individual.

A humildade é a virtude cristã mais necessária ao escritor; tudo o mais é supérfluo, super-flui, corre, rola ou se escoar rapidamente, velozmente, pela densidade do tempo --- do tempo que tudo engole, devora, absorve avidamente, que tudo lança no esquecimento, que precipita em cabal oblivio, enterra implacavelmente na mais funda sepultura do olvido. "Oblivion" --- tal é nome do país ignoto, da região desconhecida onde corre o Letes, onde tudo o que é mais caramente nosso, mais diretamente pessoal, mais carinhosa-mente intimo --- nossos nomes, nossa vaidade, <sup>nosso</sup> ~~nosso~~ amor próprio, nossa paixão, nossas obras --- hão de um dia se fundir, se diluir, mergulhando em seco e cruel deslembramento.

É a humildade a virtude que distingue desde logo o escritor cristão. Seu pensamento, sendo cristão, é genuinamente universal, e não pode deixar-se crispar ou enfeitiçar pelas seduções da vanglória. Seu pensamento deve ser sério e profundo e, assim, alheio às sugestões numerosamente malignas da vaidade, às perversas hipnotizações do amor próprio. Sua pena deve manter-se altívola, pura e harmoniosa, seu espirito subtraindo-se, de modo permanente, de qualquer vão e veemente desejo de se perpetuar, de se eternizar, de se



perenizar. O desejo de uma imortalidade terrena não é seguramente cristã, porque o esquecimento de si, o seu próprio obscurecimento na humildade é o que justamente prega e recomenda o Evangelho de CRISTO.

O primeiro passo a ser dado na imitatio Christi é a humildade, como disse nos deu magnífico exemplo o Pobrezinho de Assis.

"Não vos preocupeis em conseguir a sombra de um grande nome" --- diz o Livro da Imitação, cujo autor é "tão maravilhosamente discreto que a sua humildade anônima escapou a todas as pesquisas."

"Saber que o "grande nome" não passa duma sombra, e no entanto perseguir a sombra por consideração para com a luz que a projeta e a desenha em nós, é sem dúvida muito difícil para que uma consciência humana possa viver nessa contradição." ( DANIEL ROPS ).

## V

Nosso nome, a despeito de ser mero som vazio, simples ruído lançado no ar, flutuando incertamente no espaço com vibração passageira, é o que é por nós mais entranhadamente querido, mais fervorosamente estimado, mais carinhosamente amado com amor profundo e afirmativo. Para mantê-lo vivo, íntegro, intacto, vibrante e repleto de respeito, estima e consideração, até mesmo iluminado pelos poderosos holofotes da glória e da fama, somos capazes dos maiores sacrifícios, das mais sofridas e denodadas abnegações --- somos capazes de arrostar as maiores dificuldades, de transpor os mais penosos obstáculos --- capazes, finalmente, de percorrer a mais terrível "via crucis", de percorrer sôzinhos a via dolorosa, em toda a sua extensão, ainda mesmo que esta pareça interminável, sem fim, não nos importando o fato de termos de caminhar de rastros, a cruz às costas....

O desejo impetuoso e vão da vanglória, a ambição de brilho e prestígio, a vaidade de vencer e suplantar a todos é em nós como que constitucional e orgânica. Amamos a glória com amor ~~pass~~

profundo, inextinguível, com afeição orgânica, visceral, quase carnal. É um amor imoderado, que dura a vida entiera; uma ambição desapercebida de glória, uma paixão que tem raízes em nós; e coisas arraigadas tendem invencivelmente a perseverar no estado em que se encontram; arrancá-las pela raiz é trabalho insano, inútil, ou que não pode ser feito senão com agudo sofrimento, somente debaixo de intensos protestos orgânicos, de vivíssimas queixas vindas do mais profundo do ser.

Pensem nisto todos os escritores que fazem de CRISTO o seu lema, a sua bandeira de combate, o seu lábaro de conquista espiritual: há grande cópia de "escritores que a morte encontrou na renúncia e no silêncio", e ainda outra messe de escritores que, "afastando-se da literatura propriamente dita, dedicaram o último capítulo de uma obra iluminada pela glória a obscuras obras de piedade." E é neste tópico de perene e fundamental importância que se há de conferir extraordinário e diamantino realce ao trabalho de certos escritores, isto é, não podemos deixar de "pensar em CORNEILLE, pondo a Imitação de Cristo em verso; em RACINE, tradutor dos Salmos; em PASCAL, acabando a vida nas suas visitas às igrejas e praticando a mais concreta das caridades.

"Estes fins de vida desconcertam a critica literária. São o cunho duma fidelidade certa ao Grande Humilde. São o sinal e a assinatura duma alma autenticamente cristã. Para além de todos os méritos apologeticos que pode possuir uma obra literária, há uma outra finalidade a atingir, e essa não é por meio do triunfo que nos aproximamos dela, nem pelo estrondo da publicidade." ( DANIEL ROPS, op. cit, ps. 184-185 ).

Não é pois com estardalhaço, com alarida, com sonoro e ruidoso alarde que nos acercaremos do Mestre, que imitaremos a vida e os passos do Grande, do Sublime Humilde, que já não percorre os caminhos da longínqua Galiléia. O amor ao ruído somente poderá iludir-nos, falsear nossa vida e nossa missão, levar-nos ao ventre da mentira, ao negro útero do erro. A vaidade é matriz de paixões desordenadas, de afeições desequilibradas do espirito, de impulsos

mesquinhos e sem generosidade, de ambições insensatas da personalidade. O amor próprio somente inspira crenças falaciosas a respeito de nosso próprio valor, aumentando ou exagerando a importância de nossa ôca e insípida pessoa. O amor próprio exagerado, hipertrofiado é certo que somente poderá levar o escritor a escrever degenerativamente, jamais o impulsiona a ser autor de páginas eternas, páginas de densidade imorredoura ou banhadas de imortal beleza cristã.

A vaidade é a fraqueza-mãe, o óvulo tenebroso do orgulho, defeito ou mácula capaz de alimentar condutas vilãs, capaz de gerar o colapso do bem, inspirando comportamentos ignóbeis e sem virilidade moral, quase diria instrumento apto a engendrar um desenvolvimento espantoso, selvagem, de aberrações psíquicas.

Sejamos humildes, como humilde foi o poeta São FRANCISCO DE ASSIS, o trovador, o jongleur de Dieu --- santo sublime, cuja humildade profunda jamais o levou a demitir-se da vida, poeta bendito cujos nervos, cuja sensibilidade jamais se crispavam nos movimentos insensatos da menor vaidade, as diacrisas da vaidade jamais o afundando em contradições e conflitos sem cura e sem remédio. A humildade franciscana era festiva e alegre, lindamente e nobremente desprendida, não gerando os espasmos e as dispnéias de uma virtude pesadamente austera, não se firmando na severa pontuação de uma conduta grave e dura; era humildade que se desenvolvia e se desfraldava livremente, com abundância juvenil, em todas as áreas da vida. A fisionomia do santo humilde mantinha-se radiante, aberta, franca, com alegria contagiante, com júbilo comunicativo; alegria da jovialidade trovadoresca, desanuviada, feita de regozijos totantes e perpétuos, magnificamente humanos, brandamente divinos. O sol dessa alegria e dessa jovialidade jamais se deitou, jamais se apagou no sombrio pesadume da tristeza, na sombra rixa da melancolia, no azedume hostil das quiexas e recriminações. Nenhum sofrimento, nenhuma magoa, nenhuma aflição foi capaz de eclipsar essa alegria maravilhosa, feita de espontaneidade vital, tão bela quanto cândida e ingênua, com forças para permanecer inalterável, ad infinitum, através dos tempos.

---